

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
BACHARELADO EM PRODUÇÃO E POLÍTICA CULTURAL

LEANDRO VIEIRA DE AMORIM

**O USO SOCIAL DO ESPAÇO PÚBLICO E O PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO:
ANÁLISE DO CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO PAMPA EM JAGUARÃO-RS**

JAGUARÃO, 2015.

LEANDRO VIEIRA DE AMORIM

**O USO SOCIAL DO ESPAÇO PÚBLICO E O PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO:
ANÁLISE DO CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO PAMPA EM JAGUARÃO-RS**

Trabalho de Conclusão do curso de Graduação, Bacharelado em Produção e Política Cultural, apresentado à Universidade Federal do Pampa, requisito parcial do título de Bacharel em Produção e Política Cultural.

Orientação: Ms. Gabriel Medeiros Chati.

Jaguarão, 2015.

LEANDRO VIEIRA DE AMORIM

**O USO SOCIAL DO ESPAÇO PÚBLICO E O PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO:
ANÁLISE DO CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO PAMPA EM JAGUARÃO-RS**

Trabalho de Conclusão do curso de Graduação, Bacharelado em Produção e Política Cultural, apresentado à Universidade Federal do Pampa, requisito parcial do título de Bacharel em Produção e Política Cultural.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em:

Banca examinadora:

Prof. Ms. Gabriel Medeiros Chati

Orientador

UNIPAMPA

Prof. Dr. Rafael da Costa Campos

UNIPAMPA

Prof. Carlos José Machado

Dedico este trabalho a meu Pai Jose
Geraldo e minha Mãe Maria (In Memoria).

AGRADECIMENTO

Primeiramente agradeço a minha família, por toda carga simbólica, cultural, social e moral que me transmitiram ao longo destes 28 anos de vida, e que são inerentes a minha construção acadêmica que aqui encerro uma fase, e que me possibilita ter um pensamento crítico em relação ao que se passa a minha volta. Em especial ao meu Pai, homem honesto, trabalhador e que com muita garra conseguiu criar muito bem os seis filhos nunca deixando faltar o essencial. A minha Mãe, que não está mais presente em matéria, mas sempre estará presente em meu Ser. Aos meus irmãos que sempre me apoiaram em todas as minhas escolhas, e sempre estiveram presentes quando deles precisei. E aos meus sobrinhos que com a alegria de criança me dá energia para seguir.

Agradeço ao meu grande amigo Roney Rachide, por ter acompanhado esta caminhada de quatro anos desde o início, sempre me apoiando, me incentivando, aturando meus estresses psicológicos, minhas frustrações e angustias. Muito obrigado por tudo.

Aos meus professores em especial ao Prof. Ms. Alan Dutra de Melo, que sempre esteve disposto a contribuir com todos os trabalhos, estudos e discussões e sempre incentivando a busca mais conhecimento.

Ao meu professor orientador, Ms. Gabriel Chati Medeiros por ter aceitado a empreitada de se discutir uma obra em processo, por ter orientado a seguir alguns caminhos mas sempre respeitando minha autonomia de escrita e pensamento. Obrigado pelas conversas infinitas, que muitas vezes me deixava confuso, mas no fim a pesquisa está ai!

Por fim, mas não menos importante agradeço aos meus amigos e colegas. Em primeiro lugar ao Renan Cardoso (estendido a sua família) e Rodrigo Lakman que me acolheram nos primeiros meses em terras sulistas. Aos meus amigos da Universidade que alguns se tornaram minha família neste extremo sul: Luma, Marjorie, Ana, Fernanda, Letícia, André, Marcela, Magno e Emily, dentre tantos outros que passaram em algum momento nesta longa jornada.

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre a relação entre um aparelho cultural e a comunidade a qual se insere. A criação do Centro de Interpretação do Pampa na Ruína da Enfermaria Militar, localizado no bairro Cerro da Pólvora em Jaguarão/RS, ocasiona em diversos impactos a esta comunidade popular urbana. Portanto, este trabalho se propõe a discutir a utilização de espaço público com atividades de cunho cultural e social e o possível processo de gentrificação. Este aparelho encontra-se em fase de execução e já é possível visualizar algumas alterações sociais. Em primeiro lugar, devido ao seu local de execução, um prédio histórico que estava em ruínas, no qual a comunidade desenvolvia diversas atividades socioculturais. A Enfermaria Militar, como é mais conhecida, está inscrita na memória social desta comunidade popular urbana. Com a intervenção desta obra, há a proposta de requalificação do bairro, pois atualmente é um bairro com poucas estruturas necessárias para uma melhor qualidade de vida, especialmente desserviços públicos básicos. Suas vias são precárias, não há saneamento e equipamentos de suporte sociais e, foco principal deste estudo, a inexistência de equipamentos de cunho cultural. Buscou-se através de análise bibliográfica, documental e entrevistas com pessoas ligadas diretamente e indiretamente com o equipamento em questão, averiguar e relatar as nuances sobre a intervenção deste, na perspectiva de apresentar propostas com intuito de reduzir os impactos prejudiciais a comunidade.

Palavras chave: Espaço Cultural, CIP, Enfermaria Militar, Comunidade popular urbana e Cultura.

RESUMEN

El presente trabajo discute la relación entre un dispositivo cultural y la comunidad a la que pertenece. La creación del centro de interpretación de la Pampa en las ruinas de la enfermería militar, ubicada en el Cerro de la pólvora en Jaguarão/RS produce varios impactos son comunidad urbana popular. Por lo tanto, este trabajo pretende discutir el uso del espacio público con actividades culturales y sociales orientadas e ya es posible proceso de gentrificación. Esta unidad esta en la etapa de ejecución de y es posible ver algunos cambios sociales. En primer lugar, debido a su lugar de ejecución, un edificio histórico estaba en ruinas, en lo que la comunidad fue desarrollando diversas actividades sociales y culturales. La enfermería militar, como se le conoce, está inscrita en la memoria de esta comunidad urbana popular. Con la intervención de esta obra, hay una propuesta de cambios al barrio porque actualmente es un barrio con pocas estructuras necesarias para una mejor calidad de vida, especialmente la ineficiencia pública básica. Sus vidas son precarias, no hay ningún saneamiento y equipamiento de apoyo social, el foco principal de este estudio, la falta de equipamientos culturales. Se buscó, a través de análisis bibliográficos, documentales y de entrevistas con personas relacionadas directamente o indirectamente con el equipo en cuestión, verificar e informar los matices sobre la intervención, con vistas a presentar propuestas para reducir los impactos perjudiciales a la comunidad.

Palabras claves: Cultural, el CIP , Enfermería Militar, la cultura y comunidad popular urbana.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CMPC - Conselho Municipal de Política Cultural
- CIP – Centro de Interpretação do Pampa
- IPHAE – Instituto do Patrimônio Histórico Estadual
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- PAC – Programa de Aceleração do Crescimento
- PET – Programa de Educação Tutorial
- PPC – Produção e Política Cultural
- PMJ – Prefeitura Municipal de Jaguarão
- PROEXT – Pró Reitoria de Extensão e Cultura
- UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Delimitação do Parque Fernando Corrêa Ribas. Fonte: Arquivo PET-PPC.....	20
Figura 2: Ruína da Enfermaria Militar, já no processo de intervenção. Fonte: Autoral.....	26
Figura 3: Projeção externa do projeto do CIP. Fonte: Brasil Arquitetura.....	33
Figura 4: Projeção externa do projeto do CIP. Fonte: Brasil Arquitetura.....	34

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Atividades Culturais no Cerro da Pólvora. Fonte: Arquivo PET-PPC.....	21
Gráfico2: Sobre atividades culturais no Cerro da Pólvora. Fonte: Arquivo PET-PPC.....	21
Gráfico 3: Sobre histórico no bairro. Fonte: Arquivo PET-PPC	22
Gráfico 4: Sobre relação bairro com Universidade. Fonte: Arquivo PET-PPC.....	30
Gráfico 5: Sobre o modo que ocorreu a relação do bairro com a Universidade. Fonte: Arquivo PET-PPC.....	30

ANEXOS

Anexo 1: Mapa do perímetro de abrangência do bairro Cerro da Pólvora. Fonte: PMJ

Anexo 2: Planta do projeto de requalificação do Bairro Cerro da Pólvora. Fonte: Escritório Técnico da PMJ.

Anexo 3: Termo de livre esclarecimento

Anexo 4: Entrevistas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. BAIRRO CERRO DA PÓLVORA: um paralelo entre história e atualidade.....	17
2.1 Requalificação e Realocação.....	23
3. O CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO PAMPA: Patrimônio e Espetáculo.....	26
4. A UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO URBANO: Enfermaria e seus usos socioculturais	39
5. O PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO.....	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	49
8. ANEXOS.....	52

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa transcorre sobre a utilização do espaço público com atividades culturais e o possível processo de gentrificação no bairro Cerro da Pólvora, local onde está sendo construído o Centro de Interpretação do Pampa (CIP), na Ruína da antiga Enfermaria Militar, no Município de Jaguarão-RS. Através destes aspectos, problematiza sobre um espaço cultural estar alterando a constituição espacial e sociocultural de uma determinada comunidade.

O CIP é um aparelho cultural que tem como base museográfica a representação da imagem da vida no Pampa, passando pela fauna e flora da região, paisagens naturais e principalmente a vida dos moradores desta região. O local destinado para a obra foi o da ruína da antiga Enfermaria Militar. Prédio construído entre 1880 e 1883, tendo fins de enfermaria e hospital militar até o final da década de 1960, após este período passou por depredação tornando-se assim ruínas. Em 1990, a partir de uma série de mobilizações sociais foi tombado na esfera estadual pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual do Rio Grande do Sul - IPHAE/RS e no ano de 2011 pela esfera nacional através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Estudos de Alexandre Vilas Bôas (2012) e relatos de moradores (obtidos durante pesquisa realizada pelo grupo do Programa de Educação Tutorial em Produção e Política Cultural - PET-PPC) e gestores públicos (através de matérias de jornais locais) apontam para diversos usos do espaço das ruínas da Enfermaria Militar, dentre eles o uso do entorno como parque em uma perspectiva formal de utilização e outros usos não formais como local de show e atividades sociais.

O bairro Cerro da Pólvora encontra-se em critérios socioculturais na periferia da cidade, pois o mesmo é geograficamente limítrofe ao centro, porém possui pouca infraestrutura, não tem serviços básicos tais como escolas, posto de saúde, creches e equipamento cultural, e é composto basicamente por população de baixa renda. Ficando ao lado do bairro Kennedy, onde se encontra a Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, sendo este, um bairro com melhorias estruturais relevantes para a população. Portanto, neste trabalho considera-se que o bairro Cerro da Pólvora encontra-se às margens da sociedade no que tange serviços públicos, sendo assim, socioculturalmente periférico. Com o projeto do CIP (primeiro

equipamento cultural da localidade), a prefeitura ofereceu em contra partida a estruturação do entorno com as melhorias de infraestrutura abaixo citadas.

A construção do CIP prevê que o bairro Cerro da Pólvora passe por reestruturação com abertura de vias, processo de saneamento e urbanização, causando assim uma expectativa de melhoria na qualidade de vida e de serviços públicos desta região. Essas melhorias previstas vêm acarretando na valorização econômica dos imóveis ali localizados. Em meio à especulação imobiliária, baseada na presunção dessas melhorias e no próprio funcionamento do aparelho cultural, as propriedades passam por uma valorização e já há moradores vendendo seus imóveis e mudando desta localidade, indo residir em outros locais com infraestrutura precária e/ou inferior. Por decorrência deste fato, levanta-se a hipótese de estar ocorrendo um processo de gentrificação nesta localidade.

Gentrificação pode ser compreendido como o processo de reestruturação urbana, a partir da perspectiva de diferencial de renda entre os habitantes de determinada cidade/região, e/ou como processo de reestruturação e recomposição espacial, através de melhorias estruturais de áreas geralmente urbanas, assim sendo, modificando a estrutura sociocultural de determinada localidade e também sendo provocada por mudanças de hábitos culturais. A presente pesquisa visa averiguar se este processo ocorre no entorno do projeto de criação do aparelho museológico acima citado.

Para tanto, o presente trabalho buscou fazer uma análise do CIP através de quatro pontos bases: a contextualização do local em que se situa o CIP, utilizando como fontes de referência textos do IPHAN (2010), Bôas (2013) e Alzemiro Gonçalves Da Rosa (2014). Em segundo, propõe-se breve análise histórica sobre a relação do CIP com a comunidade e o debate acerca da memória social desta comunidade; para tal, foram abordados textos de Marcia M. D'Álessio (1993), Joel Candau (2012), Alexandre V. Bôas (2012), Maria de Fatima B. Ribeiro, et al (2011) e Ulpiano de Meneses (2009); em terceiro, foram levantados os usos sociais do espaço público com ênfase em atividades culturais, dialogando com trabalhos de Otília Arantes (2011), Rossana Reguillo (2005) dentre outros. Dentro desta temática também se aborda os efeitos do cercamento e/ou cerceamento de um equipamento cultural público, dialogando com trabalhos de Zygmunt Bauman (2009) e Celio Turino de Miranda (2004); e por fim, o processo de gentrificação que utilizando

trabalhos de Neil Smith (2007), Gustavo P.P. Zolini (2007), Alvaro L.S. Pereira (2014) e Bataller (2012) na proposição de averiguar sobre a possível existência deste processo nesta comunidade popular urbana de baixa renda sendo influenciada pela execução de um projeto de equipamento cultural.

E os documentos utilizados foram: Dossiê de Tombamento do IPHAN (2010); Projeto Institucional da Universidade Federal do Pampa (2009); Lei Ordinária 1712/1988 de 23 de Junho de 1988 do Município de Jaguarão/RS; Projeto do Centro de Interpretação do Pampa, da empresa Brasil Arquitetura (2009); e Projeto de Requalificação do Bairro Cerro da Pólvora (2011).

No trabalho de conclusão do curso de história, intitulado “A Voz popular: O Cerro da Pólvora nas Décadas de 1960-1970 em Jaguarão-RS”, Alzemiro Gonçalves Da Rosa (2014) utiliza-se de fonte em história oral para dar voz à comunidade do bairro no recorte temporal dito acima. Utilizaremos deste trabalho para traçar um paralelo entre o ocorrido neste período e a atualidade do bairro.

Outra fonte de informações utilizada neste trabalho, foi uma pesquisa realizada pelo PET-PCC em 2013, a qual buscou identificar os hábitos sociais e culturais dos moradores do bairro e também relatar aspectos dele antes e durante a chegada do CIP.

Além da aferição de dados bibliográficos, foram feitas entrevistas com algumas pessoas envolvidas direta ou indiretamente com este equipamento cultural e o bairro. Do poder público municipal, foi entrevistado o atual Secretário de Cultural e Turismo o Senhor Jose Alencar de Oliveira Porto que está no segundo mandato de gestão desta secretaria e a entrevista ocorreu no dia 27 de outubro de 2015, e em uma conversa informal sem o cunho de entrevista, foi obtido alguns dados com a responsável pelo projeto de requalificação do Bairro Cerro da Pólvora, a Arquiteta Letícia Fernandes. Representando a Universidade optou-se por representação da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXT), sendo representada pela Pró-reitora da atual gestão, a Professora Drª. Vera Lúcia Cardoso Medeiros, a qual respondeu aos questionamentos em conjunto com a Produtora Cultural ligada a PROEXT, a Sra. Helyna Dewes, que responderam a um questionário on-line, devido a inviabilidade de encontro presencial. Para representação da comunidade, foi buscado relatos de pessoas com formação e que poderiam contribuir com a pesquisa através de um pensamento crítico sobre o tema em questão e que

tivessem memórias e histórias ligadas a Ruína da Enfermaria Militar, os entrevistados são alunos do Bacharelado em Produção e Política Cultural, a senhora Helena Beatriz Costa de Oliveira e o senhor Bob Alex Araújo. Estas duas entrevistas foram feitas através de questionário on-line devido à falta de tempo hábil para transcrição de uma entrevista presencial.

Na elaboração do projeto de pesquisa para este trabalho, a ideia era buscar representação pelas entidades ligadas ao projeto incluindo o IPHAN, porém não foi possível a realização da entrevista com este órgão, e com a comunidade se planejou entrevista moradores atuais do bairro, mas no processo de realização se identificou estas pessoas que já haviam feito trabalhos na comunidade e que poderiam contribuir de uma forma mais crítica, além de ser pessoas que já tinham passagem pela comunidade.

2. BAIRRO CERRO DA PÓLVORA: um paralelo entre a história e a atualidade

A cidade de Jaguarão descende da chamada “Guarda do Cerrito”, um fortim espanhol fundado em 1792 e tomado pelos portugueses em 1802, que um ano depois construiram nas proximidades a Guarda da Lagoa e do Cerrito (IPHAN, 2010).

Em 1792, por ordem do Vice-Rei do Prata, Nicolas Antonio de Arredondo, a coroa espanhola fundou a “Guarda do Cerrito”, [...] no local denominado Cerrito de “Echenique” ou do “Juncal” (possivelmente esta guarda estava situada no morro atualmente conhecido como Cerro da Pólvora, no subúrbio da cidade). (IPHAN, 2010)

A cidade de Jaguarão, localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul, fronteira com a Cidade de Rio Branco - Uruguai, tem seu surgimento na disputa territorial entre as colônias portuguesa e espanhola. O Cerro da Pólvora, encontra-se em um dos pontos mais altos da cidade, portanto sendo local de boa visão para observação da chegada de inimigos e instalação de tropas militares, sendo assim um dos locais de suposto início do município de Jaguarão/RS.

Após a tomada do território por tropas portuguesas as guardas se estabeleceram às margens do Rio Jaguarão onde se tornou rota de tropeiros e, devido a necessidade de alimento e hospedagens, surgiram os comerciantes. “Este agrupamento deu origem à povoação de Jaguarão, reconhecida como freguesia em 1812 com o nome de Espírito Santo do Cerrito de Jaguarão, elevada a vila duas décadas depois, e à cidade já em 1855” (IPHAN, 2010). Portanto, o local onde se encontra atualmente o Bairro Cerro da Pólvora teve papel fundamental no contexto histórico para o surgimento de município.

As informações históricas acima citadas, foram extraídas do Dossiê de Tombamento do Conjunto Histórico e Paisagístico de Jaguarão, elaborado pelo IPHAN (2010). O dossiê traz o levantamento do conjunto arquitetônico e paisagístico do município e aborda a formação de Jaguarão relatando o seu início com a criação de “fortins” militares no período da disputa territorial entre espanhóis e portugueses.

O bairro Cerro da Pólvora (Figura 1) propriamente dito tem seu surgimento nos arredores da pedreira municipal, através de instalação de famílias vindas de diversas regiões da cidade e do município, em busca de trabalho na pedreira, local este que “possuía diques de basalto, os quais serviam como uma das principais

formas de arrecadação de renda dos moradores" (ROSA, 2014). Grande parte dos terrenos eram de poder da Prefeitura municipal, a qual em uma perspectiva de povoamento doou às famílias de trabalhadores da pedreira. No trabalho de Alzemiro Gonçalves Da Rosa também é relatado a apropriação de terras sem consentimento do Poder Público. Portanto, é possível perceber que o bairro foi inicialmente constituído por famílias trabalhadoras que se alocaram ali em uma esperança de geração de renda.

Nas pedreiras, trabalhavam homens, mulheres e até mesmo crianças, que quebravam basalto a fim de suprir as necessidades básicas pessoais e das famílias as quais faziam parte. (ROSA, 2014).

Porém, o trabalho nas pedreiras geralmente não supria as necessidades econômicas das famílias, Alzemiro constata através de depoimentos de moradores, o grau de extrema pobreza em que a comunidade vivia: "Os relatos demonstram que algumas famílias viviam em extremo grau de miséria/pobreza" (ROSA, 2014). Atualmente o bairro também é composto por grande número de famílias de baixa renda, e muitas vivendo em situação precária de moradia.

O bairro se encontra na periferia em critérios socioculturais do município de Jaguarão. Considerado socioculturalmente periférico devido sua proximidade, em critérios geográficos limítrofe ao centro do município, contudo, às margens da sociedade devido a inexistência de equipamentos de suporte social, tais como escolas, posto de saúde, equipamentos culturais e de lazer, entre outros. Suporte estes, nunca existentes – ou muito incipiente – na localidade, relatados no trabalho de Alzemiro Gonçalves Da Rosa.

Outros dados obtidos dizem respeito às condições de moradia em que eram constituídas as habitações do Cerro da Pólvora, predominando a falta de estrutura e investimentos nas necessidades básicas como no abastecimento de água, luz, esgoto, assim como também eram expostos às explosões na pedreira (frequente uso de dinamite), colocando em risco de morte as famílias localizadas naquele local. Outro problema de infraestrutura era a falta de locais para recreação, escolas, postos de saúde e transporte (Da Rosa, 2014).

Os dois fatos citados acima (formação inicial por famílias de trabalhadores e socioculturalmente periférico), podem ser fatores que contribuem na sua estrutura

precária, física e de serviços públicos até os dias atuais, pois ainda hoje trata-se de uma zona de grande vulnerabilidade social do município.

No decorrer de sua história, as únicas relações com aparelhos tidos como sendo de suportes culturais e de lazer, são praças, campo de futebol, e o Parque Doutor Fernando Corrêa Ribas. O qual compreendia a Ruína da Enfermaria Militar (Figura 2), que após seu abandono (será abordado melhor no próximo capítulo) teve sua utilidade definida pela comunidade, como um local de realização de atividades socioculturais, em uma perspectiva não formal de utilização. Sendo utilizado pelas famílias do entorno para atividades familiares, e pelos jovens como um local para tomar um mate ou até mesmo um vinho a noite e outros diversos usos que serão abordados com depoimentos de pessoas ligadas à comunidade no Capítulo III deste trabalho.

O Parque acima citado, foi uma perspectiva de uso forma de uso, tendo em vista que as Enfermaria Militar já se encontrava em Ruína. Ele foi denominado através da Lei Ordinária 1712/1988 de 23 de Junho de 1988, Parque Municipal Dr. Fernando Corrêa Ribas. E compreendia a área da Ruina da Enfermaria militar, adjacências e um terreno na parte inferior doado pela Fundação Carlos Barbosa. Na imagem abaixo, em destaque a área que compreendida o parque: em vermelho a área total e em amarelo supõe-se (não foi encontrado um dado preciso) que seja o terreno doado pela Fundação Carlos Barbosa.



Figura 1: Delimitação do Parque Fernando Corrêa Ribas. Fonte: Arquivo PET-PPC.

Em pesquisa realizada pelo grupo PET em Produção e Política Cultural (PET-PPC), no ano de 2013 ainda se evidenciava essas limitações culturais no bairro: “se evidenciou uma ausência de atividades culturais de quaisquer características: 82% das pessoas entrevistadas são desta opinião e 70% delas não inclui entre afazeres nenhuma prática de lazer e cultura” (GARCIA, Et al. 2013). O estudo abordou 145 moradores do Cerro, com questões relativas a compreensão histórica, através da averiguação do que era o bairro e como o término das atividades da Pedreira afetou os moradores. Abordou também questões sobre aparelhos e atividades culturais, na perspectiva de evidenciar se estes existiam ou não bairro, e preposições de ações de cultura e lazer que a população almejava.

Com este estudo, através de relatos dos moradores, também se pode constatar a necessidade de equipamentos culturais e de lazer, tais como praças e/ou campo de futebol, em uma perspectiva de lazer para as crianças da comunidade, pois o atual campo encontra-se em situação precária. Um grande número de moradores evidenciou que não existia atividade de cultura e lazer no bairro, como mostra o gráfico abaixo:

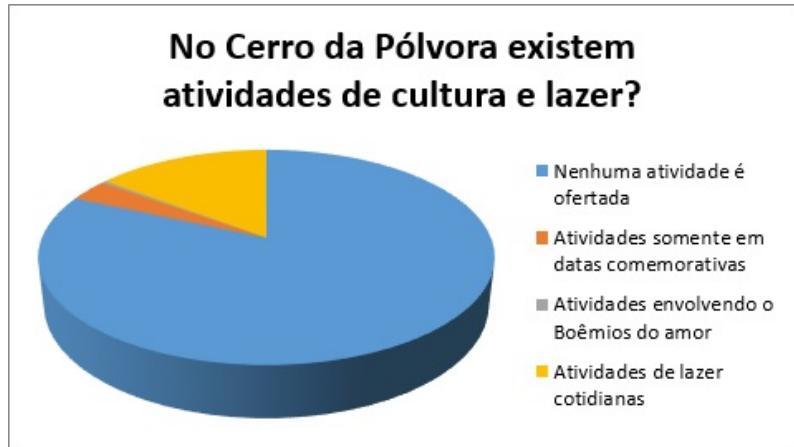


Gráfico 1: Atividades Culturais no Cerro da Pólvora. Fonte: Arquivo PET-PPC

É possível visualizar no gráfico que as atividades de socialização ocorrentes no bairro eram festa em datas comemorativas e em entrevista a um morador ele relatou que a AMCEPA – Associação de Moradores do Cerro da Pólvora com apoio de comércios, “Realizam 4 eventos no ano, páscoa, festa Junina, Dia das Crianças e no Natal”. Outro dado importante neste gráfico para este estudo é o relatado como “Atividades de Lazer cotidianas”, que diz respeito a atividades, como tomar um mate na Enfermaria e os campeonatos de futebol realizados no campo do bairro.



Gráfico 2: Sobre atividades culturais no Cerro da Pólvora. Fonte: Arquivo PET-PPC

Indagados sobre quais atividades eles almejavam para o bairro, foram citados em maior número Praças, atividades esportivas, atividades para crianças e mateadas, como mostra o gráfico acima. Outro fator presente em muitas das entrevistas foi a utilização da Enfermaria. Uma outra questão da pesquisa questionava sobre o que foi e o que se tornou o bairro, em alguns relatos os moradores disseram que o bairro era um “campo” e que com o tempo foi se tornando um bairro, devido ao aumento de moradores. Em diversos casos foi relatado que com a chegada do CIP os terrenos se valorizaram, como mostra o gráfico abaixo:

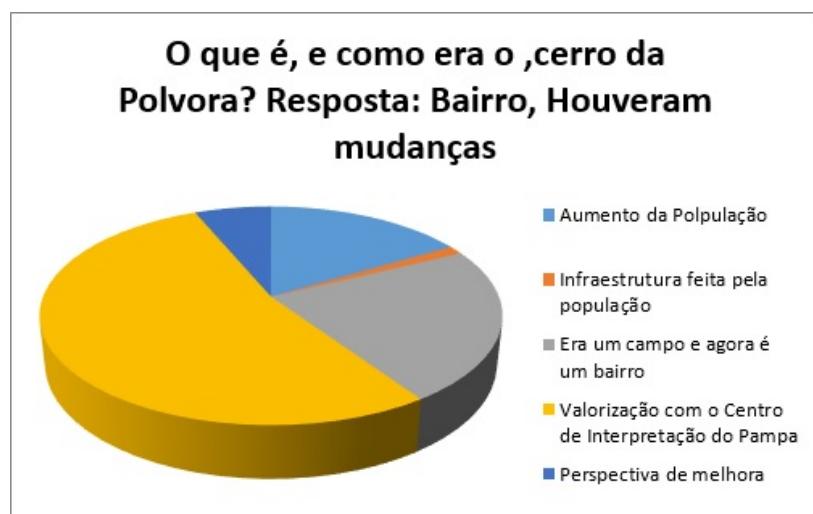


Gráfico 3: Sobre histórico no bairro. Fonte: Arquivo PET-PPC

Portanto, com este estudo do PET-PCC constata-se que o bairro é precário em termos de equipamentos culturais e que a população apenas tem acesso a atividades de lazer de maneira menos formal. O autor Célio Turino, relata em seu livro *Na trilha de Macunaíma*, a necessidade de práticas de lazer serem compreendidas também enquanto atividades culturais. Deste modo, este trabalho se filia a este pensamento, compreendendo as atividades de lazer como sendo importantes enquanto manifestações de cunho cultural, reconhecendo assim os usos mantidos pelos moradores como sendo usos culturais de equipamentos públicos. Pois devido o descaso das administrações públicas as manifestações surgiram de modo espontaneamente, e muitas vezes sem estruturação adequada, fato este que ocorre em diversos locais e se manifestando de diferentes formas.

Um dado de extrema relevância (para este trabalho) na pesquisa acima citada é a ocorrência de diversos relatos que dizem respeito a valorização dos imóveis e terrenos do bairro devido requalificação da Ruína da Enfermaria Militar se transformando em CIP.

2.1 Requalificação e Realocação

Outro fator de importância para a compreensão do contexto sociocultural do bairro e o seu histórico de realocação de famílias. Realocações estas que ocorreram mais fortemente entre a década de 60 e 70 devido as atividades de exploração da pedreira, as quais provocavam risco de vida aos moradores de determinada áreas – devido a ocupação e construção irregular, fato recorrente em bairros de surgimentos espontâneos, sem planejamento. Segundo Alzemiro estas realocações foram decorrentes de programas governamentais pós Golpe Militar, que tinham como proposta reorganizar bairros, geralmente periféricos e os levando a outros locais com a promessa de melhoria estruturais.

Afastando dos centros aqueles que possuíam estereótipos ditos negativos. Dessa maneira, o Governo, em forma de incentivos imobiliários, promoveu a remoção de famílias pobres de áreas consideradas “de risco”, favelas e locais periféricos com problemas de acesso à mobilidade urbana, afastando-as cada vez mais do centro com a ilusão de que estariam mais bem alocadas (Da Rosa, 2014)

Portanto, o processo de remoção de famílias era uma prática decorrente da gestão política daquele período, pós Golpe Militar, e de certo modo, é possível perceber traços ainda presentes em algumas ações exercidas ainda hoje. Exemplo disto foram as remoções ocorridas no decorrer da Copa das Confederações de 2014 (ilustrar), onde diversas áreas foram requalificadas e um grande número de famílias foram realocadas para outras áreas em uma perspectiva higienista (REF., nota)

Alzemiro relata que este processo ocorreu no Cerro da Pólvora quando a “Prefeitura Municipal decidiu alojar oito famílias que moravam em áreas de risco (expostas às explosões da pedreira do Cerro) em um prolongamento na Rua Júlio de Castilhos.”¹. O autor relata que em matérias de jornais da época, que os moradores

¹ Bairro Kennedy, local que se encontra a Universidade Federal do Pampa.

eram apresentados como “favelados do Cerro da Pólvora”, sendo marginalizados do contexto da sociedade. As construções das casas de alvenaria foram custeadas com verba pública e ações sociais de comunidades religiosas. Posterior à está remoção ocorreu outra, onde foram construídas 35 casas, também no bairro Kennedy e que estás foram vendidas a preços acessíveis para moradores do Cerro e também servidores públicos também foram beneficiados, segundo informações de jornais apresentadas no trabalho do autor acima citado.

Este processo de deslocamento das famílias que já estavam integradas em sua comunidade provocou um abalo emocional por várias razões, seja na questão afetiva, seja nos laços de famílias, que eram rompidos não por sua vontade, mas por imposição. (Da Rosa, 2014)

Através de relatos de moradores Alzemiro pode constatar o grande impacto social que estas remoções causam nas famílias daquela comunidade, naquele período temporal, como expressado na citação acima. O bairro Cerro da Pólvora, possivelmente passará novamente por remoções, em certo grau menos impactantes quanto naquele período, pois no projeto de requalificação do bairro está previsto a remoção de 10 famílias. Uma diferenciação destas realocações, a ocorrida nos anos de 1960 a 1970 para a que possivelmente acontecerá, é que na primeira as famílias foram removidas para outro bairro, que no momento estava se estruturando, o bairro Kennedy, e a atual realocação - quando for executada - deixara as famílias no mesmo bairro, porém em uma parte mais isolada.

Com a chegada do projeto de construção do CIP, na Ruína da Enfermaria militar, é previsto que o bairro passe por requalificação urbana, pois trata-se de um bairro não planejado como na maioria das periferias do Brasil e possui pouca ou nenhuma infraestrutura (de vias, saneamento, equipamentos), e convém dizer novamente que estas qualificações nunca existiram. Agora, com o projeto do CIP, datado de 2009 e o projeto de Requalificação datado de 2011, é possível supor que a requalificação é decorrente da execução deste aparelho cultural.

O projeto de requalificação elaborado pelo Escritório Técnico da Prefeitura Municipal, prevê a drenagem das ruas, recuperação ambiental (por ser uma área de preservação de patrimônio ambiental, devido a recuperação da área, após a desativação da pedreira) e trabalho social com os moradores do bairro. Segundo a

arquiteta responsável pela obra Leticia Fernandes, o projeto deu início no ano de 2011 e tinha um custo estimado em 3 milhões de reais, e beneficiaria todo o bairro tendo previsto além da requalificação de vias e estruturação sanitária à recuperação de em média 180 casas, que se encontravam em péssimo estado e remoção de mais ou menos 10 famílias, que seriam realocadas para outras moradias no mesmo bairro, moradias estas já prevista no projeto.

Na planta do projeto (ANEXO 1) pode se perceber também a criação de áreas para práticas socioculturais, sendo construído uma praça, área de lazer e sanitários públicos, assim propiciando uma melhoria considerável em termos de lazer para a comunidade que no momento não possui nenhum equipamento de práticas de lazer e cultural. A requalificação será composta de: Melhorias habitacionais; Loteamento regularizado; Programa Municipal de Construção de Moradias; Canteiros – Leivas de Campo; Passeio Pavimentado – Concreto; Passeio Não Pavimentado – Saibro; vias com Blocos de concreto; Área de Lazer Passivo (área verde); Área de Lazer Ativo (Quadra de esportes); Praça; e Sanitários públicos.

Ainda segundo a arquiteta responsável, o projeto não conseguiu o financiamento para sua execução até o momento, mas continua em vias de viabilização, apenas aguardando a concretização dos recursos. Supõe-se que com a efetivação deste projeto, a qualidade estrutural melhore para os moradores do bairro, pois além das estruturações também terá espaços para prática de lazer. Porém, com a estruturação e o término da obra do CIP, há uma perspectiva no aumento do valor econômico dos imóveis desta região, e em conjunto com o término da obra do CIP culminando assim na possibilidade da ocorrência da gentrificação. Perspectiva de aumento está que corrobora com a percepção da comunidade obtida através da pesquisa do grupo PET-PPC, como aponta o gráfico 13.

Portanto, deve se compreender dentre outras questões o contexto urbano o qual o bairro Cerro da Pólvora está inserido. Levando em consideração a importância histórica, devido dados que apontam para o possível início da cidade na localidade e posteriormente seu surgimento oficial como local de moradia para famílias que trabalhavam na extração de minério basalto, com moradores oriundos de diversas localidades do estado. E por fim, a reconfiguração estrutural devido o surgimento de um aparelho cultural.

3. CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO PAMPA: Patrimônio e Espetáculo

A execução do CIP é fruto de uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Jaguarão (PMJ), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) - que será a gestora do aparelho após o término da obra. O projeto é da empresa Brasil Arquitetura e tem como autores os arquitetos Francisco Fanucci, Marcelo Ferraz, Vinícius Spira e Gabriel Grinspum. Para a empresa elaboradora do projeto a temática central do CIP “é a singularidade da paisagem física e humana do que se chama pampa, no quadro da experiência brasileira” (Brasil Arquitetura, 2009). Portanto, o CIP terá em sua base museográfica as características da fauna, flora, paisagens típicas, vida em “campanha”, e a figura do gaúcho na região do Bioma Pampa. “A proposta é trabalhar com elementos que remetem ao Pampa, como se constituem e, como é representado. A singularidade física e humana do que se chama Pampa é o tema central desse centro de interpretação.” (RIBEIRO e MELO 2011).

O local de destino da obra é a ruína da antiga Enfermaria Militar, prédio que tem sua construção datada entre 1880 e 1883, tendo uso como enfermaria para atender os militares da cidade e região. O prédio foi utilizado como enfermaria até a o final da década de sessenta e, ainda durante esta década, ele também teve uso como escola primária e presídio para presos políticos durante a ditadura militar, dados estes extraídos do Dossiê de Tombamento (IPHAN 2010).



Figura 2: Ruína da Enfermaria Militar, já no processo de intervenção. Fonte: Autoral.

No início da década de 1970 o prédio foi desativado, e após sofrer com a ação do tempo e com saques, o prédio entra em estado de ruína. Em entrevista para esta pesquisa o Secretário de Cultura e Turismo do município, Alencar Porto relata o que se sabe em termos do saque em suas palavras:

Bom, o que se sabe é que ela foi em dois ou três dias inteiramente depredada pela, depredada não, depredada ela teria sido destruída. Ela foi saqueada, as pessoas pegaram as telhas, pegaram o que tinha dentro e levaram para suas casas. Até bem pouco tempo atrás, numa situação bem folclórica, normalmente uma borracharia tem um espaço grande com água pra ver onde está o furo do pneu, então várias borracharias de Jaguarão tinham umas banheiras muito bonitas com pés, que eram as banheiras da Enfermaria Militar, que foram saqueadas.

Já BÔAS (2012) aponta que na década de 1980 iniciam-se os estudos da Universidade Federal de Pelotas na cidade de Jaguarão, através do projeto Jaguar, “que tinha o objetivo de mapear os prédios de estilo eclético e realizar um plano de salvaguarda desse patrimônio material” (p.5, 2012) e que as ruínas da Enfermaria tiveram grande atenção neste projeto. Ainda segundo ele, durante o projeto Jaguar os integrantes do projeto buscaram a participação da população no envolvimento com o prédio através de apresentações teatrais e show de rock, com intuito de causar o envolvimento da comunidade para uma possível “pressão nos políticos locais para que através de legislação protegessem o patrimônio material da cidade de Jaguarão” (p.6, 2012). Esta ação ocasionou na criação do Parque Municipal Doutor Fernando Corrêa Ribas (citado no capítulo anterior).

O processo de patrimonialização da Ruína iniciou em 1990, através do tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico Estadual – IPHAE, sendo tombada no ano de 2010 em âmbito federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Percebe-se que antes e durante todo o processo histórico da Ruína da Enfermaria Militar, não se sabia ao certo quais usos esta edificação teria, e em muito períodos esteve em situação de abandono. Segundo Alencar Porto houve a mobilização por parte de jaguarenses que estudavam arquitetura da UFPEL e da UFRGS, estes começaram um trabalho de preservação e neste decorrer houve vigílias no local e em uma delas vieram a banda de Rock Engenheiros do Havaí, - fato este muito marcante na memória dos moradores da cidade

Mas no decorrer deste processo de patrimonialização – passando pelo abandono institucional – há relatos de moradores que apontam que o espaço também era utilizado de diferentes formas pelas famílias do bairro como espaço de socialização e lazer, em uma forma de ocupação do espaço público, que se justifica por não haver outros equipamentos para tal nas proximidades. Esta utilização será abordada no próximo capítulo.

No ano de 2009, após tratativas da prefeitura municipal de Jaguarão com o IPHAN, o município teve a oportunidade de revitalização da Ruína, dando assim início a construção da proposta do Centro de Interpretação do Pampa. Em entrevista para esta pesquisa o Secretário de Cultura e Turismo da atual gestão, Alencar Porto relatou como se deu o processo de criação do projeto do CIP:

A proposta do CIP, ela foi quando o atual governo assumiu em janeiro de 2009 uma equipe se deslocou até Porto Alegre, nos órgãos federais se colocando à disposição, fazendo uma primeira conversa que havia uma gestão nova em Jaguarão, dentre tantas outras tivemos na sede do IPHAN, e lá foi proposto, pessoas que estavam presentes ouviram da então superintendente do IPHAN na época, que tinha uma proposta. Na época se falava em Museu do Pampa que depois no decorrer do projeto passou a se chamar Centro de interpretação do pampa, e que tinha um imbróglio ai, de uma outra cidade interessada mas não estava fluindo direito e que se Jaguarão conseguisse um espaço seria uma cidade candidata a abrigar o CIP, sediar.

Nesta Entrevista foi possível observar o engajamento da PMJ na execução da obra no município, pois havia um local que seria apropriado para tal e que tinham passado pelo processo de patrimonialização a pouco tempo e ainda não se tinha em mente qual uso seria dado a ela, a Ruína da Enfermaria Militar. Digo uso formal, pois ela era utilizada pela população de diversas formas. População esta que, pelo levantado por este estudo, não teve participação na escolha e definição do que seria este projeto.

Sobre a participação da população na elaboração das bases do projeto, é possível perceber a “participação mínima” ou inexistente, segundo o Secretario de Cultural, está participação foi ínfima devido a necessidade de se cumprir os prazos estipulados pelo IPHAN e entre isto ainda teve que ser aprovado na Câmara de Vereadores o pagamento do pré-projeto, que custou 100 mil reais.

Não teve assim uma sucessão de audiências públicas, não teve, a gente é bem sincero, mas houve sim uma mobilização no intuito que faríamos, e estaríamos parceiros da universidade federal do pampa pra organizar uma obra que evitasse a queda prédio, que era eminente, já tinham paredes balançando e estava perigoso pra comunidade.

Mas, ainda segundo Alencar Porto, antes do processo de elaboração da obra, sempre havia conversas com a comunidade e a preocupação era que a estrutura do prédio fosse cair, devido a ação do tempo, e foi neste sentido que foi organizado o “abraço a Enfermaria”. Onde na ocasião funcionários públicos, partidários e pessoas ligadas a UFPEL discutiram sobre e na Enfermaria da necessidade de restauro/requalificação das estruturas da Ruína em questão. Sendo neste momento que a comunidade teve a oportunidade de saber sobre o processo de revitalização.

Para averiguar a visão da Universidade sobre o projeto do CIP, buscamos entrevista a Pró-reitora de Extensão e Cultura (PROEXT) da atual gestão, a Professora Drª. Vera Lúcia Cardoso Medeiros. Foi enviado um questionário eletrônico, o qual foi respondido por ela juntamente com a Produtora Cultural ligada a PROEXT, a Srta. Helyna Dewes. Questionadas sobre o surgimento do projeto do CIP, e quais agentes foram envolvidos nesta etapa do projeto a resposta foi:

No dia 20 de janeiro de 2010 foi firmado o convênio entre Unipampa e Prefeitura de Jaguarão para a realização do projeto. Na data também foi assinado o contrato com a Brasil Arquitetura, empresa que desenvolveu o projeto do CIP.

Por ser um bem tombado pelo IPHAN, o prédio da antiga enfermaria juntamente com o seu entorno sempre teve a atenção da população de Jaguarão. Entretanto, isso não impediu depredações e descuido com esse patrimônio ao longo do tempo.

As mobilizações da população da cidade, através de um abraço simbólico, bem como a ideia inicial do projeto, são anteriores à chegada da Unipampa na região, o que demonstra que a universidade vem a ser uma catalizadora de um processo que já estava em andamento.

A universidade passou a funcionar nos municípios de abrangência em Setembro de 2006, segundo consta no Plano Institucional de 2009, e o “abraço a Enfermaria” foi em agosto de 2009, segundo RIBEIRO e MELO (2009), sendo assim a UNIPAMPA já estava instalada em Jaguarão a mais de dois anos. Um ponto nítido neste relato é o distanciamento da universidade com a comunidade. Na pesquisa acima citada do grupo PET-PPC, foi questionado aos moradores do Cerro - limítrofe

ao bairro Kennedy onde se encontra a Universidade – se eles conheciam a Universidade e se sabiam das ações desta. A grande maioria relatou que só a conhece de modo superficial – sabe onde é, mas não sabe o que se realiza lá dentro – ou a conhecem devido a alguma obrigação que foram cumprir lá, como votação eleitoral, por exemplo. Os gráficos abaixo da pesquisa do PET-PPC, ilustram esta questão.

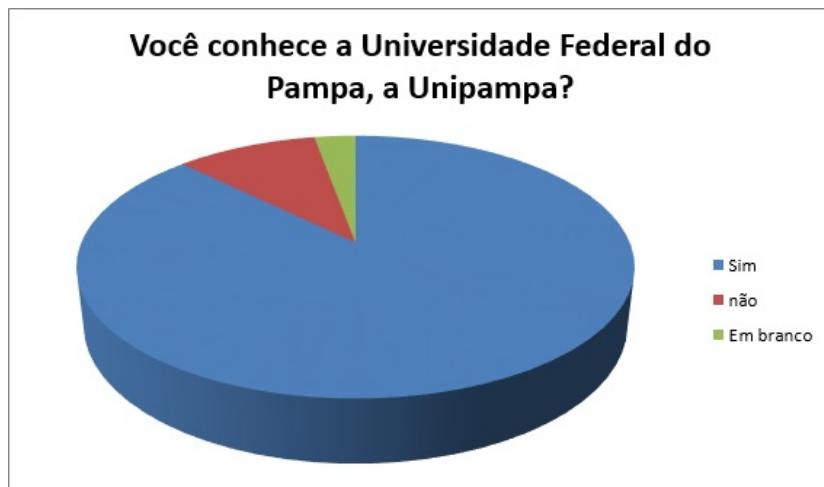


Gráfico 4: Sobre relação bairro com Universidade. Fonte: Arquivo PET-PPC



Gráfico 5: Sobre o modo que ocorreu a relação do bairro com a Universidade. Fonte: Arquivo PET-PPC

Portanto, é possível perceber que ainda há barreiras a serem quebradas entre a Universidade e a comunidade, pois a comunidade do Cerro da Pólvora está nas adjacências do campus, mas mesmo assim a comunidade não se tem propriedade

de que instituição é esta. O grupo PET, posterior à está pesquisa apresentada, realizou diversas ações com a comunidade do Cerro, em uma forma de diminuir essa barreira, porém não foi feito até o presente momento nenhuma pesquisa que averigue com precisão a diminuição desta.

Na entrevista feita com a Pró reitoria de Extensão, foi questionado sobre a participação da comunidade no processo de elaboração da proposta do CIP, a resposta foi que havia o conhecimento da demanda dos habitantes de Jaguarão para a revitalização, “Contudo, não possuímos dados que permitam responder de forma mais detalhada tal questão”, mesmo a universidade já estando instalada nas imediações do bairro.

Portanto a proposta do CIP, surge com a PMJ em argumentação com o IPHAN, e através da reitora da UNIPAMPA - naquela época, a Prof. Dra. Maria Beatriz Luci – que firmou o contrato para a prestação de serviços com a empresa Brasil Arquitetura.

O projeto do Centro de Interpretação do Pampa (CIP) desde sua concepção tem como objetivo fomentar a educação patrimonial e a produção científica sobre as condições naturais, culturais e sociais da região.

A partir de uma demanda apresentada pela prefeitura, e por ser um projeto recomendado na época pelo IPHAN, a Unipampa uniu esforços com a comunidade de Jaguarão para a construção do projeto.

Desde a década de 1990 era reivindicada a revitalização das ruínas da antiga Enfermaria Militar, tendo em vista a importância histórica do prédio para a cidade. Alguns projetos foram lá desenvolvidos, mas nenhum com a dimensão do CIP.

A citação acima é da pró-reitora Vera e da Produtora Cultural Helyna, em relação à concepção e orientação do virá a ser o CIP. A concepção do que será o Centro de Interpretação do Pampa ainda é muito vaga, podemos perceber que será um laboratório para a Universidade, que funcionará como um centro de pesquisa e experimentações nas temáticas referentes a região do Pampa e um espaço expositivo. Para o Secretário de Cultura ele será “um referencial do gaúcho”, o nativo da região do pampa, bioma este que “começa na região de Santa Maria atravessa todo o Rio Grande, todo Uruguai e uma ponta da Argentina e tem uma história muito rica no aspecto da formação do gaúcho” passando por sua história desde o surgimento.

Acho as vezes que o Rio Grande do Sul embora tenhamos um culto a tradição muito ufanista, é legal de ver mas eu acho que não podemos renegar parte da história, a história é muito mais ampla e a proposta do Centro de interpretação do pampa é o gaucho, a cultura do pampa latino-americano.

Nesta passagem de Alencar Porto é possível perceber que a administração pública está comprometida com a melhor fruição do CIP. É possível perceber que a gestão do município está em maior consonância com a comunidade, uma consolidação disto é a criação do Conselho Municipal de Política Cultural (CMPC), o qual foi criado através da Lei nº 6.102 de Janeiro de 2015 e possui em sua estrutura sete representantes do Poder Público Municipal e sete representantes da Sociedade Civil, sendo dividido em sete setoriais. Portanto, espera-se que o Conselho intervenha nas diretrizes normativas e formativas deste equipamento museal, em uma perspectiva de representar a comunidade de Jaguarão, a qual o elegeu para tal. Contudo, mesmo havendo a participação direta da Sociedade Civil através do CMPC, este trabalho propõe que seja criado uma instância na qual a população possa se tornar membro participativo da gestão.

Contudo, se faz necessário pensar em forma de possíveis maneiras para promover esta participação. Seja através de uma fundação, onde a população possa intervir, ou até mesmo em projetos de consulta popular, seja por audiências ou pesquisa *in loco* numa perspectiva de gestão participativa, como o ocorrido em Museus Comunitários na perspectiva de Hugues Varine (2013). Com informações retiradas do site da empresa Brasil Arquitetura, empresa contratada para fazer o projeto arquitetônico e museográfico do CIP, está exposto que o projeto tem como objetivo é

O objetivo maior é fazer com que as pessoas mergulhem no universo do pampa, através da Vicência de experiências afetivas e intelectuais relacionadas aos diferentes âmbitos da vida daqui. Que se surpreendam e descubram aspectos da região – bem como da sua importância para a formação do país em que em que vivem – nos quais nunca haviam pensado antes. Que se espantem ao descobrir que o pampa tem tantos aspectos ocultos.

Ainda segundo informações do projeto contidos no site da empresa, o CIP será organizado a partir de quatro eixos, o primeiro diz respeito a paisagem natural contendo aspectos da fauna e flora na região do bioma pampa; o segundo eixo se guiará pela história e pré-história de ocupação da região; terceiro eixo “aspecto destacado aqui é a mestiçagem genética e simbólica única que se deu no pampa”,

sendo levados em consideração a mestiçagem da formação do gaúcho e aspectos da língua falada, a música, a literatura, a mitologia, dentre outros; e por fim o quarto eixo que diz respeito a fronteira e a construção da identidade.

Portanto, é possível interpretar está visão de representação um tanto quanto estereotipada da concepção de identidade cultural do vivente no Bioma Pampa. De fato, o discurso apresenta uma proposta inovadora, mas é possível perceber que está quantidade de “interatividade”, esconde a sua concepção rasa, onde se coloca muita tecnologia e muita informação, porém não se propicia pensamento crítico sobre as mesmas e supõe-se que está representatividade não representará as classes mais populares do povo gaúcho, que é algo de suma importância, afinal a visão de gaúcho foi repaginada com o tempo, mas suas bases são populares.

A execução do CIP é de fato, um grande avanço em termos de equipamento cultural para a cidade, devido suas peculiaridades, podendo levar o visitante a uma experiência sensorial considerável. Ser arrojados e altamente tecnológico, já são aspectos decorrentes nos trabalhos de Marcelo Ferraz e Fernando Fanucci. Indo ao encontro a outros projetos da Brasil Arquitetura que tem um viés de museus tecnológicos e funcionais. No site da empresa é possível visualizar alguns desenhos do projeto, onde apontam



Figura 3: Projeção externa do projeto do CIP. Fonte: Brasil Arquitetura



Figura 4: Projeção externa do projeto do CIP. Fonte: Brasil Arquitetura

Em entrevista ao site AECWeb (2011), o arquiteto Marcelo Ferraz relatou que a empresa estaria fazendo outros 5 museus com propostas próximas a do CIP que são os Museu do Trabalho e do Trabalhador (SP); Museu Nacional da Cana de Açúcar (SP); Museu Cais do Sertão – Gonzaga (PE); Museu do Vinho (RS); e Centro de Referência e Memória de Igatu. No período da elaboração do projeto o que se pensava era na criação de um Museu e não de um Centro de Interpretação, como afirma o Secretário de Cultura e Turismo de Jaguarão, Alencar Porto em entrevista para o presente trabalho “na época se falava em museu do pampa que depois no decorrer do projeto passou a se chamar Centro de interpretação do pampa”.

O Museólogo Hugues Varine expõe que a ideia de “Centro de Interpretação” é uma aplicação da museologia do território e que está se apresenta em “sítio natural, arqueológico, histórico, espaço característico de uma paisagem, de um modo de vida, de uma aldeia ou bairro”, assim sendo CI se diferencia da visão clássica de museu, ela geralmente está mais voltada para a participação da comunidade.

Vemos bem que o centro de interpretação não é um museu, e sim elemento de um museu de território, como o papel e o catálogo de exposição ou o livreto-guia são elementos do museu de arte clássico. (VARINE, 2013)

Cabe ressaltar, a importância de se discutir os dois momentos contidos neste espaço museal: em primeiro momento a Ruína da Enfermaria Militar, que remonta e

abrange a memória individual e coletiva dos moradores do bairro e da cidade, juntamente com a história do local; e em segundo, a ressignificação do patrimônio cultural, a requalificação do monumento se tornando o Centro de Interpretação do Pampa, as discussões a respeito da possibilidade de uso e relação com a comunidade.

No que tange as discussões entre história e memória D'Aléssio discorrendo sobre o pensamento de Halbwachs, diz que “a memória social é sempre vivida, física ou afetiva” portanto, liga o interlocutor direto ao fato, enquanto a “história é escrita e impessoal e, nela, grupos com suas construções desaparecem para dar lugar a outros, porque a escrita não os registrou”. Para a autora – citando Nora “a memória é um processo vivido, conduzido por grupos vivos, portanto em evolução permanente” (D'ALÉSSIO, 1993), neste sentido é importante pensar em que ponto a memória social da comunidade entrou nas bases do projeto e em que nível eles estarão inseridos, enquanto público alvo, enquanto usuários daquele espaço por décadas e principalmente, por serem gaúchos e se sentirem representados naquele espaço.

Há de se respeitar a memória social e história desta comunidade, e quiçá suprir um pouco desta dívida histórica de descaso institucional, social e cultural que eles vêm sofrendo a décadas. No dossiê de tombamento feito pelo IPHAN, não aparecem relatos de moradores, não se vê a comunidade como agente inerente da construção do patrimônio cultural, seja ela no viés simbólico, da construção e relação de pertencimento da comunidade com o patrimônio. Em um depoimento extraído do trabalho de Alzemiro Da Rosa, é possível perceber de modo bem nítido esta afetividade da comunidade com o bairro e com a Ruína da Enfermaria.

Tivemos nossos momentos de alegria que desfrutamos na pedreira, na Enfermaria, porque tínhamos as amizades mais verdadeiras, amizades eram sinceras mesmo, elas se solidificavam porque até hoje me dou com alguns que se criaram ali comigo que hoje eu ainda continuo na volta. [...] Meu nome é Eunice, na minha religião me chamam de Nice de Xangô, mãe de Orixás. Uma das mensagens que eu gostaria de deixar e que continuasse vivo, esse contato essa oportunidade principalmente de nós negros de ter acesso a faculdade, porque este espaço tem sido muito importante dentro da nossa sociedade, e contribui para resgatar um pouco da nossa história [...] parte da história da nossa comunidade do Cerro da Pólvora, e Jaguarão. (Rosa, 2014)

No depoimento, Eunice relata para Alzemiro o sofrimento passado pela comunidade negra do bairro, sua ligação espiritual com a pedreira devido sua religião e também a afetividade que ela mantém com o bairro e com a Enfermaria. São memórias sociais como esta que se espera encontrar também no CIP, esta relação de pertencimento que mesmo a “Nice de Xangô” não morando atualmente no bairro se sente ligada afetivamente a ele, caso este que ocorre com diversos outros moradores da cidade. Portanto, mais uma vez afirmamos a grande importância da inserção da comunidade e sua memória social neste equipamento cultural. Outro ponto importante neste depoimento, é o relado da inclusão da população negra no contexto universitário.

Neste tocante, é importante trazer a fala institucional da entidade que será a gestora do CIP, a UNIPAMPA, através da fala da Pró Reitora Vera Medeiros. Ao ser questionada sobre a forma de inserção da comunidade na execução do CIP, ela relatou que

A inserção da comunidade local no cotidiano do CIP deve ser uma das diretrizes da gestão do espaço, etapa a ser desenvolvida com maior ênfase a partir da conclusão das obras físicas. O modo como tal inserção ocorrerá será definido pelos responsáveis pelo projeto museal e pela gestão cultural do espaço. Espera-se que a comunidade jaguarense, em especial aquela vizinha ao CIP, possa usufruir de todo o conhecimento produzido nos dez campi da universidade, bem como os saberes locais possam ser difundidos nos outros municípios que sediam nossa instituição.

Apesar do discurso institucional se sabe que o “projeto museal” não levou em consideração a comunidade e a gestão será executada pela Universidade. Portanto, mais uma vez se vê o distanciamento da UNIPAMPA, com a comunidade e até mesmo com o projeto do CIP. A inserção da comunidade deveria estar desde a criação da proposta museal, está prática de criar o espaço e depois pensar os usos pode pôr vez se tornar danosa, pois não se sabe qual questão estará à frente na organização e está pode levar a uma desordem maior de algo que já está bastante nebuloso.

No sentido da segunda abordagem, apresentada anteriormente - a proposta de requalificação - é necessário se pensar na utilidade e uso do espaço e também a forma que os museus tem se configurado, cada vez mais voltados ao “mercado cultural”, como aponta Silva (2014).

A figura do **museu** gradativamente parece se transformar em Shopping Center, espaço que carrega em si mercadorias de um alto valor de troca para os agentes desta Indústria Cultural, mas que também se comporta como uma mercadoria, manipulada pelos especuladores do espaço urbano.

Portanto, se faz necessário discutir a respeito da “espetacularização” dos espaços museais, pois é possível perceber no CIP e em outros museus, como por exemplo o Museu da Língua Portuguesa em SP, o Museu do Pão em Ilópolis - RS, uma “roupagem” mais contemporânea e tecnológica, que muitas vezes acaba se tornando raso em termos de conteúdo a levar o cidadão ao pensamento crítico. Os dois exemplos citado são projetos do mesmo Arquiteto que projetou o CIP, no segundo exemplo é claro perceber a forma estereotipada de atração de público, até mesmo na forma que se deu seu surgimento, surgindo para atrair os turistas, afirmação está feita pelo responsável do Museu em uma visitação feita pelo PET-PPC. O CIP também surgiu um pouco por essa perspectiva, a de “atrair turistas”, isso devido ao tombamento do conjunto arquitetônico de Jaguarão ser recente e a mesma ter um grande potencial de atrativo para visitantes (cidade histórica e o turismo de compra que já ocorre).

Sendo assim, há de se pensar o que isso acarreta, e em qual grau interfere na relação do espaço cultural com a comunidade em que se insere e quais os impactos desta relação. Portanto, há de se levar em conta o impacto sociocultural de um ambiente construído para chamar público em um bairro extremamente carente, no Museu do Pão, ele está no centro da cidade de Ilópolis, totalmente contextualizado com a arquitetura do local e principalmente com a situação econômica dos moradores, sendo assim coerente com a realidade local. Com isso se levanta mais uma vez a questão, de utilização do espaço, ele – o CIP – deve estar em consonância com a comunidade, utilizando seu requinte arquitetônico e tecnológico para mudar a realidade social dos que ali moram e sempre terão a antiga Ruína como um grande aporte de memórias.

Nas entrevistas feitas foi questionado aos entrevistados o que eles esperam da execução do CIP, a dissidente Helena relata que espera que o espaço, seja um local de troca e com atividades de diversos cunhos árticos e culturais envolvendo profissionais da área e estudantes da UNIPAMPA, e relata ainda sobre a apropriação do espaço pela comunidade.

Sou a favor de que aconteça no local um leque amplo de atividades diárias, como palestras, formaturas, exposições, projeções de filmes, de documentários, de filmes, mas com profissionais adequados a cada área de atuação, a comunidade deve ser chamada para se apropriar do referido local e acredito que a produção de oficinas diversas possa fazer esse trabalho de forma natural, pois, era uma comunidade que ocupava o espaço de forma atuante, diariamente, e até os dias atuais esperam a reabertura do local.(Helena Costa, 2015)

Já o entrevistado Bob Alex, em primeiro momento relata sua visão sobre o que será o CIP e critica a forma excludente de gestão do espaço, dizendo sobre o cercamento. E na segunda citação relata como queria que fosse o espaço pensando em uma perspectiva mais de lazer para a comunidade.

Quando da primeira vez que ouvi falar da reforma do local eu e amigos imaginamos um parque, com uma parte museu, um local iluminado, de livre acesso, com suas amplas janelas abertas para o rio, mas hoje vejo que será diferente, o local já se encontra todo cercado, não vejo necessidade disso, cercas afastam a população, acho que agora o público será diferente, as janelas permaneceram fechadas, e não mais poderei ver o rio e suas curvas, a cidade e seus telhados como os via desde novinho, vai ficar bonito, vai ter um uso, não mais estará abandonado, mas a população local que lá fazia outros usos, não mais fará, sem nem ter sido consultada se era isso mesmo que queria pro local.

Queria ver um parque, praça, no entorno das ruínas, espaço aberto, a toda população, quando digo aberto digo sem grades, cercas, com brinquedos, academias ao ar livre, bancos e árvores pra acomodar as pessoas, um local pra prática de skate, um local multiuso, não um lugar cercado como está se tornando, um local livre, de multiuso e multicultural com o que foi nos últimos anos pra população de Jaguariaíba. (Bob Alex, 2015)

Portanto, é de suma importância pensar no retorno social que a adequação trará para a comunidade. Pensar na transformação de uma Ruína em um centro museógrafo e a vantagem disso, pois caso se preservasse como ruína não haveria o uso por parte da sociedade. Digo, pensar para ser executado quando o projeto for realmente discutido e pensado seus usos, pois até então as informações sobre tal são ínfimas, ou inacessíveis.

Sendo assim, importante defender que se façam debates prévios com a comunidade, talvez em forma de audiência pública ou grupos de trabalho para pensar o espaço, levando em consideração os usos sociais anteriores.

4. UTILIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO: Enfermaria e seus usos socioculturais

A cultura sempre foi utilizada com subterfúgio para diversas manifestações sociais, em se tratando de requalificação urbana ela vem como o importante aporte do surgimento da gentrificação. Segundo Otília Arantes, os processos de requalificação urbana de Nova York foram estimulados através da requalificação da atividade cultural, ocorrendo uma mudança considerável nos estabelecimentos culturais e de aporte comercial, estimulando assim o interesse de pessoas de classes elitizadas. Esta mudança de padrão cultural citado por Arantes, pode ser contextualizada com a Primeira onda da Gentrificação apontada por Smith, pois os “pioneiros” geralmente eram pessoas envolvidas com artes, causando assim a “elevação” de manifestações culturais, digo manifestações culturais ligadas a interesses comerciais ou de entretenimento.

Ai o embrião de uma mudança emblemática: à medida que a cultura passava a ser o principal negócio das cidades em vias de gentrificação, ficava cada vez mais evidente para os agentes envolvidos na operação que era ela, a cultura, um dos mais poderosos meios de controle urbano no atual momento de reestruturação da dominação mundial (ARANTES, 2011. pg, 33).

Para REGUILLO (2005) é importante pensar as cidades de uma forma “heterogênea que se mobiliza usos e imaginários diferentes” (p. 201). O que se vê nas discussões sobre a ruina da Enfermaria é o ideário de espaço público de forma distinta. De um lado a PMJ e a universidade - que o pensam enquanto equipamento de pesquisa e disseminação de uma determinada vertente e identidade cultural, em um projeto com bases tecnológicas e inovadoras - e por outro lado, o uso social deste espaço público pelos moradores, anterior ao início das obras.

No processo de construção também se discutiu o possível cercamento da área. A proposta da universidade era cercar todo o entorno, com justificativa de segurança do mesmo, e também no entendimento que todo prédio público precisa ser cercado para asseguração do uso devido, uso este determinado pela gestão do equipamento. É necessário relatar aqui o dissenso entre a PMJ e a Universidade no que tange o cercamento do CIP. A prefeitura compreendia como importante manter a área do entorno sem cercamento, ou com cerca viva para que assim a população

tivesse maior acesso ao espaço, por outro lado a Universidade compreendia o cercamento convencional necessário para a delimitação do espaço, decisão está que foi concretizada, tendo em vista que a Universidade está sendo a gestora da obra. No que tange esta questão de limitação de espaço público dialogar com o livro de BAUMAN (2009), “Confiança e Medo na Cidade”. Com o cercamento do CIP, percebe-se a extraterritorialização, na qual um grupo delimita até onde o outro grupo pode ir. Bauman relata este tipo de segregação como sendo um aporte da sociedade pós moderna, à qual possui muita insegurança nas grandes cidades e também como forma de diferenciação social. Insegurança esta que também pode ser percebida em pequenas cidades como Jaguarão, pois o medo da depredação, de atos de vandalismo e/ou violência, está presente no imaginário da população.

A ruina da Enfermaria Militar era tida como o único local de socialização do bairro Cerro da Pólvora, ali a comunidade se mobilizava em diversos usos e atividades. Em entrevista para esta pesquisa a discente do Bacharelado em Produção e Política Cultural Helena Beatriz Costa de Oliveira, compartilha suas memórias daquele local, relatando que a comunidade realizava diversas ações ali e que o espaço estava sempre com algumas atividades.

participei de vários eventos que ali aconteciam, mateadas, bingos, apresentação do Engenheiros do Havai [...], festas de aniversários principalmente das crianças do entorno, havia pista de corrida de bicicleta onde as crianças faziam até campeonatos, comícios políticos também aconteciam neste local, showmício que era uma prática bastante usada nas campanhas, apresentação da via sacra na semana santa vinculada com a igreja católica, havia praça para as crianças.

Mesmo nunca tendo sido moradora especificamente do bairro, mas sim do entorno, Helena traz em suas memórias uma forte relação com a Ruína, já o Artista e também acadêmico de Produção Cultural, Bob Alex Araújo, foi morador do bairro durante sua infância e adolescência entre os anos 80 e 90.

aos 7 anos fui estudar na escola Marcílio Dias, um pouco abaixo da enfermaria, as vezes matávamos a aula, e em turma íamos pras ruínas brincar por lá [...] nos finais de semana brincávamos de esconde-esconde, jogávamos futebol, as vezes minha mãe mesmo nos levava, junto com tias e primos, levava sempre coisas de comer, mate, ficavam conversando nas janelas das ruínas, admirando a paisagem, já que dali dá pra ver toda a cidade, enquanto nós brincávamos...

Nos relatos de Bob também é presença marcante o show dos Engenheiros do Havaí como presente no depoimento de Helena e do Secretário de Cultura Alencar Porto. Outro ponto recorrente nos depoimentos é a criação de um parque na parte inferior da Ruína (local que está sendo construído uma galeria de exposição temporária)

foi criado um parque no local, a rua na frente das ruínas foi fechada, o entorno cercado, havia cabanas de madeiras, um açude com uma cabana no centro e uma ponte para chegar até ela, um labirinto enorme feito de postes de eucalipto cravados no chão, uma pista de bicicross onde havia campeonatos, balanços, bancos e o local foi totalmente iluminado, a população ia direto pra lá, eram realizados concursos de beleza, apresentação de espetáculos de música, mateadas, havia responsáveis pelo cuidado do local, segurança a noite, depois de um tempo trocou administração da cidade, e o local ficou abandonado, mas o pessoal seguiu usando o local, nós tínhamos uma turma que íamos direto pra lá, passei a adolescência lá dentro...

Estes relatos comprovam que a Ruína era tida como um importante espaço de socialização para a comunidade do Cerro da Pólvora, mesmo sendo um espaço improvisado e com condições precárias de estrutura para o uso como aponta o Secretario de Cultural do Município Alencar Porto.

A Ruína tinha um uso social por parte da comunidade do Cerro da Pólvora, como presente nos relatos apresentados, está já é uma posição consolidada, contudo, é de suma importância se pensar em qual local esta comunidade se encontra neste espaço museal, uma vez que os mesmos não foram questionados sobre seus interesses culturais para aquele local.

Outro ponto consolidado é que um aparelho cultural pode desempenhar uma função social relevante, no entanto, agora é imprescindível pensar nos possíveis usos sociais e colocar os moradores da comunidade – prioritariamente os do Cerro da Pólvora – como público foco de diversas ações. Tais ações podem ter um cunho formativo, como citados por Helena, “cada um de nós é produtor de algo e nesse local podem acontecer várias oficinas (pintura, violão, bateria, dança, música, computação, gastronomia, etc, etc....)”, e artístico cultural no que tange as bases de um centro cultural e também social, pois possibilitará novas visões sobre arte, cultura e até mesmo sobre a identidade do gaúcho.

Se espera que este equipamento se torne muito além de um laboratório de experimentações para a Universidade. A gestão deve possibilitar que ele seja um espaço no qual a comunidade se sinta pertencente e que possam fazer proposições e definir usos, tal como ocorreu quando ele foi abandonado. A mesma liberdade e autonomia de utilização do espaço que os moradores tinham anteriormente.

5. O PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO.

As requalificações urbanas são geradas por diversos fatores, provocados invariavelmente por anseios, manifestações, usos e interesses distintos do espaço urbano. Utilizações estas, mobilizadas principalmente por variáveis econômicas e estruturais, misturadas na composição do desenvolvimento das sociedades. Neste sentido, considera-se importante retomar a fala de REGUILLO (2005) no que diz respeito as formas de se pensar a cidade, pois se faz necessário pensar nas “matrizes culturais das quais fazem parte os atores sociais” (pg. 202), assim pensando na forma que os grupos interagem uns com os outros. Em meio a isso, se vê o mercado econômico agindo em processos de recomposição urbanas e modificando sobretudo o contexto sociocultural de determinada localidade. Um exemplo deste processo que interferem totalmente no contexto sociocultural é o fenômeno da gentrificação.

O termo gentrificação tem seu surgimento na geografia, com análises de territórios que sofreram ou sofrem alguma alteração estrutural, baseada na reconfiguração econômica da região. Para ZOLINI (2007) o termo “é utilizado como qualificador de espaços históricos, baseado em um juízo de valor que se pauta no estereótipo da elitização do espaço, ou na retomada dos centros por uma nova classe média” (Pg. 16). Tal reconfiguração pode se dar através da estruturação de equipamentos de suporte econômico, tais como centros comerciais, supermercados, lojas, entre outros ou através da mudança cultural da localidade a partir da instalação de novos equipamentos culturais voltados para determinado seguimento da população. Neste processo, ocorre invariavelmente a troca de padrões do poder aquisitivo dos moradores, fazendo com que locais antes habitados por população com menor poder aquisitivo, passe a ter moradores de maior poder aquisitivo.

Segundo PEREIRA (2014) o termo teve sua origem com a socióloga Ruth Glass em 1964, com estudos que retratavam a reconfiguração da área central de Londres através da valoração econômica. Tem origem na expressão Britânica de *gentry*, que designa indivíduos ou grupos abastados ou “bem nascidos”, e da palavra francesa *genterise* que significa “de origem gentil” ou “origem nobre”.

Para BATALLER (2012) a gentrificação “consiste em uma série de melhorias físicas ou materiais e mudanças imateriais – econômicas, sociais e culturais – que ocorrem em alguns centros urbanos antigos, os quais experimentam uma apreciável elevação de seu *status*”, sendo um importante instrumento da geografia para a análise das reestruturações urbanas da contemporaneidade. No local deste estudo não se nota uma requalificação em centro urbano antigo, mas sim em uma zona secundária na qual a instalação de um centro cultural que ainda possui suas bases museográficas em processo inicial, deflagra o processo.

SMITH (2007) aponta a gentrificação para as bases de recomposição geográfica e econômica. Correlaciona a gentrificação como sendo uma possível “nova fronteira urbana”, dizendo que esta ideia de fronteira é “uma combinação evocativa das dimensões econômicas e espacial do desenvolvimento”, geradas através da expansão econômica do capital. Contudo, está expansão econômica acarreta na expansão geográfica, correlacionada com o desenvolvimento geográfico, que por sua vez gera a segregação social em determinados níveis. Smith aponta cinco, considerados por ele os mais importantes na reestruturação urbana:

(a) a suburbanização e o surgimento de um diferencial de renda (rent gap); (b) a desindustrialização das economias capitalistas avançadas e o crescimento do emprego no setor de serviços; (c) a centralização espacial e simultânea descentralização do capital; (d) a queda na taxa de lucro e os movimentos cíclicos do capital; (e) as mudanças demográficas e nos padrões de consumo (SMITH, 2007)

Ainda segundo Neil Smith (2006) citado por ZOLINI (2007), a gentrificação aponta três fases ou ondas, onde a primeira se deriva de pessoa de classe média que investem em um determinado local.

desvalorizado pelo mercado imobiliário, por causa do diferencial favorável do custo do aluguel e das benfeitorias, ou infraestruturas ali existentes. [...] Eles observavam, nas vizinhanças desvalorizadas do centro da cidade, ou bairros pericentrais, a facilidade de encontrar toda infraestrutura urbana, com custo de aluguéis muito baixos. (SMITH In: ZALONI, 2007, p. 41 e 42)

A segunda onda é derivada do mercado imobiliário, o qual se beneficia de “acordo com planos de incentivos públicos, ou melhor, financiamentos e facilidades que mudam o caráter dos *gentrifiers*, antes denominados pioneiros”. (ZOLINI, 2007).

Ele afirma ainda que estes agentes não correm tantos riscos como os “pioneiros”, da primeira onda, mas são os maiores propulsores deste fenômeno “transformando o capital privado no maior apostador da nova configuração urbana.” E esta segunda onda leva a expansão do espaço “gentrificável”, através de

um plano de reinvestimento em áreas degradadas, impulsionado pela promessa, depois confirmada, de lucro certo aos investidores privados. Isso pode ser verificado na teoria da renda diferencial ou rent gap (SMITH, 2006) [...] Essa onda é identificada pelo autor como sendo a consolidação da gentrificação (SMITH In: ZALONI, 2007, p. 42)

No estudo de caso proposto, *a priori*, não se verifica esta vertente do processo de gentrificação, pois os dados ainda são incipientes, devido ao processo de construção dos motivadores do fenômeno de gentrificação ainda estarem sendo construídos. Portanto, ainda não há presença do fator ligado a segunda onda, que é a presença do mercado imobiliário como sendo condutor da gentrificação.

A terceira onda proposta por Smith, segundo Zolini “é denominada pelo termo “generalizada” ou “ampliada”, pois esta modifica toda a estrutura e entorno de determinada localidade, considerada também por ser a gentrificação de consumo, lazer e emprego

O tecido urbano passa a ser afetado, e ruas comerciais inteiras, parques, restaurantes, mercados, museus, cinemas e todo tipo de imóvel de uso não residencial será valorizado pelas marcas internacionais, corporações ou investidores com os quais a nova classe média se identifica, mudando assim a paisagem urbana e amalgamando uma paisagem cultural onde o gentrificador possa se identificar. (SMITH In: ZALONI, 2007, p. 43)

No bairro Cerro da Pólvora – até mesmo em toda cidade de Jaguarão devido o seu tombamento e chegada da UNIPAMPA – é possível verificar o processo de gentrificação em bases iniciais, sendo enquadrados na primeira onda relatada por Neil Smith, pois com a chegada de um equipamento cultural e as reestruturações previstas ou efetivadas, observa-se uma melhoria considerável nos equipamentos de suporte cultural e social. Portanto, os “pioneiros” veem nessas possíveis melhorias e aquisição – CIP e requalificação urbana - um potencial, uma vez que atualmente o valor de mercado dos terrenos são baixos e em vários casos a população não tem informação sobre a possível valorização deste futuramente. Não há presença da

segunda e terceira onda no presente objeto de estudo, pois as mesmas tratam-se de fases mais avançadas deste fenômeno.

Os estudos deste fenômeno de gentrificação tratam basicamente de processos ocorridos em grandes centros urbanos, gerados na grande maioria dos estudos por ações focadas em aspectos econômicos. Este trabalho possibilitou aferir a gentrificação a partir da criação de um espaço com finalidade cultural - como ocorrido na criação do museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR), e também durante a Copa das Confederações, onde diversas áreas com população de baixa renda “deram” lugar a grandes empreendimentos - os quais também são relacionados diretamente com o viés econômico, em grandes casos por serem advindos e/ou destinados a uma “elite cultural” ou parcela mais abastarda - economicamente - da sociedade.

No caso do objeto de estudo deste trabalho, a verba de seu financiamento é oriunda do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC (PAC2 Cidades Históricas), que em sua segunda fase obteve a criação de uma linha específica para requalificação de conjuntos urbanos históricos visando contribuir com o desenvolvimento econômico, social e cultural das cidades. Como aponta a descrição do programa no site institucional.

Ação que tem por objetivo preservar o patrimônio brasileiro, valorizar a cultura nacional e promover o desenvolvimento econômico e social com sustentabilidade e qualidade de vida para os cidadãos em 44 cidades brasileiras. Por meio do PAC Cidades Históricas serão investidos um total de R\$ 1,3 bilhão na recuperação das cidades históricas.

Portanto, este equipamento cultural é um grande agente de mobilização econômica, tendo seu aporte financeiro vindo de duas vertentes, Ministério da Educação – MEC, através da Fundação Universidade Federal do Pampa, e Ministério da Cultura – MinC, através do IPHAN. Deste modo, comprehende-se a cultura diretamente ligada ao desenvolvimento econômico – tendo em vista que ela mobiliza grande aporte financeiro de origem pública, como no caso apresentado, ou privada – tida como potencial geradora de renda e desenvolvimento social.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visou o levantamento de dados relevantes para se pensar a construção de um equipamento cultural que causa intervenções de diversos modos em uma comunidade popular urbana. Buscou o pensamento crítico a respeito de uma intervenção que mobiliza vários agentes, intervenções estas que, muitas vezes, não consideram o impacto causado à população. Refletir na construção de equipamentos culturais que englobem a sociedade em que se inserem, e que a modificação da comunidade seja em níveis positivos para os moradores.

O CIP tem um grande potencial enquanto aparelho cultural, que possibilita um grande desenvolvimento estrutural e econômico para o município e, principalmente, para o bairro que está inserido, o Cerro da Pólvora. Mas, para além do viés econômico há de se pensar como a comunidade do entorno deste aparelho estará inserida, que ela participe ativamente das proposições e construções formativa dele, afinal ele está instalado em um importante aparelho de aporte de memória desta comunidade, a Ruína da Enfermaria Militar.

Esta pesquisa também possibilitou a reunião de dados que apontam os usos sociais da Ruína, atestando que era um local de grande utilidade cultural para a comunidade do Cerro. Assim, se faz necessário levar em consideração a preservação das memórias sociais da comunidade em questão devido ao seu sofrimento desde a fundação do bairro até a precariedade ainda presente. Levar em consideração o fator sociocultural que está intrinsecamente ligado ao bairro, e tentar de alguma forma ressarcir esta comunidade pelas décadas de descaso institucional e social.

A Gestão e a Curadoria do CIP, ainda é algo bem nebuloso, o que se tem acesso são as bases museográfica feitas pela empresa Brasil Arquitetura. Nesse sentido, sabe-se a visão inicial sob a qual o espaço foi criado, mas é de suma importância discutir quais serão os usos dele e em quais níveis a comunidade estará inserida. É necessário se discutir quais são as visões a serem representadas, em termos de representatividade do pampa e do vivente no pampa.

O CIP tem por proposta representar a vida no pampa, mas que pampa é este? Rio grandense, uruguai e argentino (chileno?), esperamos que seja

representada de forma representativa, respeitando a diversidade deste rico bioma transnacional. Sobre a representação do gaúcho, acreditamos que ele represente não apenas a visão do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Esperamos ver o gaúcho negro representado, o *gaucho* em suas raízes de andante pelos pampas, o gaúcho pobre da lida do campo, que tenha, enfim a heterogeneidade destas representações.

Sobre o fenômeno da gentrificação, foi possível perceber que há indícios visíveis da ocorrência dele em bases iniciais devido a intervenção estar em andamento, e não haver iniciado o processo de requalificação – que será o maior potencializador deste processo. São inegáveis as melhorias estruturais e de serviços públicos, áreas de lazer, entre outros, que o bairro receberá, no entanto, o que este trabalho se propôs a fazer foi balizar o quanto este conjunto de intervenções afetam os moradores. Compreende-se, assim, que um monitoramento da área e projetos visando à conscientização da população quanto seus direitos cívicos/sociais, são importantes.

Por fim, percebe-se que os desafios são muitos, devido à complexidade de se pensar em um equipamento cultural que, apesar de estar em fase avançada de construção, não estabeleceu seus possíveis usos e forma de gestão. Reitera-se ainda a necessidade de um olhar mais cuidadoso para a comunidade que a enxergue como protagonista. Além de servir à Universidade, este aparelho deve servir para a construção de uma sociedade mais participativa e contribuir para a cultural local, respeitando e reconhecendo sua diversidade cultural.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARANTES, Otília B. F. **UMA ESTRATÉGIA FATAL, A Cultura nas Novas Gestões Urbanas**. In A Cidade do Pensamento Único. Petrópolis/RJ. Vozes, Ed. 6º Edição. 2011.

BATALLER, M. A. Sargatal. **O estudo da gentrificação**. Revista Continentes (UFRRJ), ano 1, n. 1, 2012

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**; Tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BÔAS, Alexandre S. V. **A Enfermaria Militar de Jaguarão: Conhecendo sua História**. XI Encontro Estadual de História. Rio-Grande/RS. 2012

COSTA, Heloísa H. F; BÔAS, Alexandre S. V., **Centro de Interpretação do Pampa: A Revitalização de Um Patrimônio Cultural**. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal-RN. 2013

D'ÁLESSIO, Marcia M. **Memória: leituras de M. Halbwachs e Pierre Nora**. Revista Brasileira de História, n.25-26, v.13, 1993

GARCÍA, Ruben D. F. MELO, Alan D. et al. **PESQUISA NO BAIRRO CERRO DA PÓLVORA DE JAGUARÃO: O LAZER E A CULTURA COMO FOCO**. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão. V.5. N.2. 2013. Disponível em <http://publicase.unipampa.edu.br/index.php/siepe/article/view/7254> Acessado em 25/10/2015.

MENESES, Ulpiano T. B. De. **O Campo do Patrimônio Cultural: Uma Revisão de Premissas**. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural. 2009.

MIRANDA, Célio R. Turino de. **Na Trilha de Macunaíma**. Dissertação. Departamento de História. Campinas: UNICAMP, 2004

PEREIRA, Alvaro L. S. **A Gentrificação e a Hipótese do Diferencial de Renda: Limites Explicativos e Diálogos Possíveis.** Cad. Metrop. São Paulo, v 16 n.32, pp.307-328, nov 2014.

REGUILLO, Rossana. **“Utopia e Heterotopias Urbanas a Disputa Pela Cidade Possível.”** DIVERSIDADE CULTURA E DESENVOLVIMENTO URBANO/Org Monica Allende Serra. – São Paulo-SP : Iluminuras, 2005.

ROSA, Alzemiro Gonçalves. **A VOZ POPULAR: O CERRO DA PÓLVORA NAS DÉCADA DE 1960-1970 EM JAGUARÃO-RS.** Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em História. UNIPAMPA-2014.

RIBEIRO, Maria F. B., MELO, Alan D. **Centro de Interpretação do Pampa – Jaguarão RS.** Pg. 286 a 303. Publicado in: Espaços culturais e turísticos em países Iusófonos: Cultura e Turismo. Luiz Manuel Gazzaneo, organizador. -Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ 2011. 373p.

SMITH, Neil. **Gentrificação, a Fronteira e a Reestruturação do Espaço Urbano.** Tradução: Daniel de Mello Sanfelici. GEOUSP- Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 21, PP. 15-31, 2007

SILVA, Frederico A. B., ARAÚJO, Herton E. **Indicadores de Desenvolvimento da Economia da Cultural.** Brasília: Ipea,2010.

VARINE, Hugues. **AS RAÍZES DO FUTURO.** O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local; trad. Maria de LOUDES Parreiras Horta. 1º Reimpressão – Porto Alegre: Midianiz, 2013.

ZOLINI, Gustavo Pimenta de Pádua. **A INFLEXÃO DO CONCEITO GENTRIFICAÇÃO EM CONJUNTOS URBANOS PATRIMONIAIS EM CIDADES DE PEQUENO PORTE: OS CASOS MINEIROS DE SÃO THOMÉ DAS LETRAS E TIRADENTES /** Belo Horizonte/MG. EA/UFMG - 2007. 181 f.

Documentos

BRASIL, **Programa de Aceleração do Crescimento. Site institucional.** Disponível em <http://www.pac.gov.br/infraestrutura-social-e-urbana/pac-cidades-historicas/mg> Acessado em 22/11/2015

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Dossiê de tombamento.** Org. Anna Finger, Revisão Ana Meira, Pesquisa Simone Neutzling et. al. Arquivo digital, 2010

Lei Ordinária 1712/1988 de 23 de Junho de 1988. **DENOMINA PARQUE MUNICIPAL DR. FERNANDO CORRÊA RIBAS.** Disponível em http://camarajaguarao.rs.gov.br/tec/proposicao_print_pdf.php?item=559 Acessado em 22/10/2015

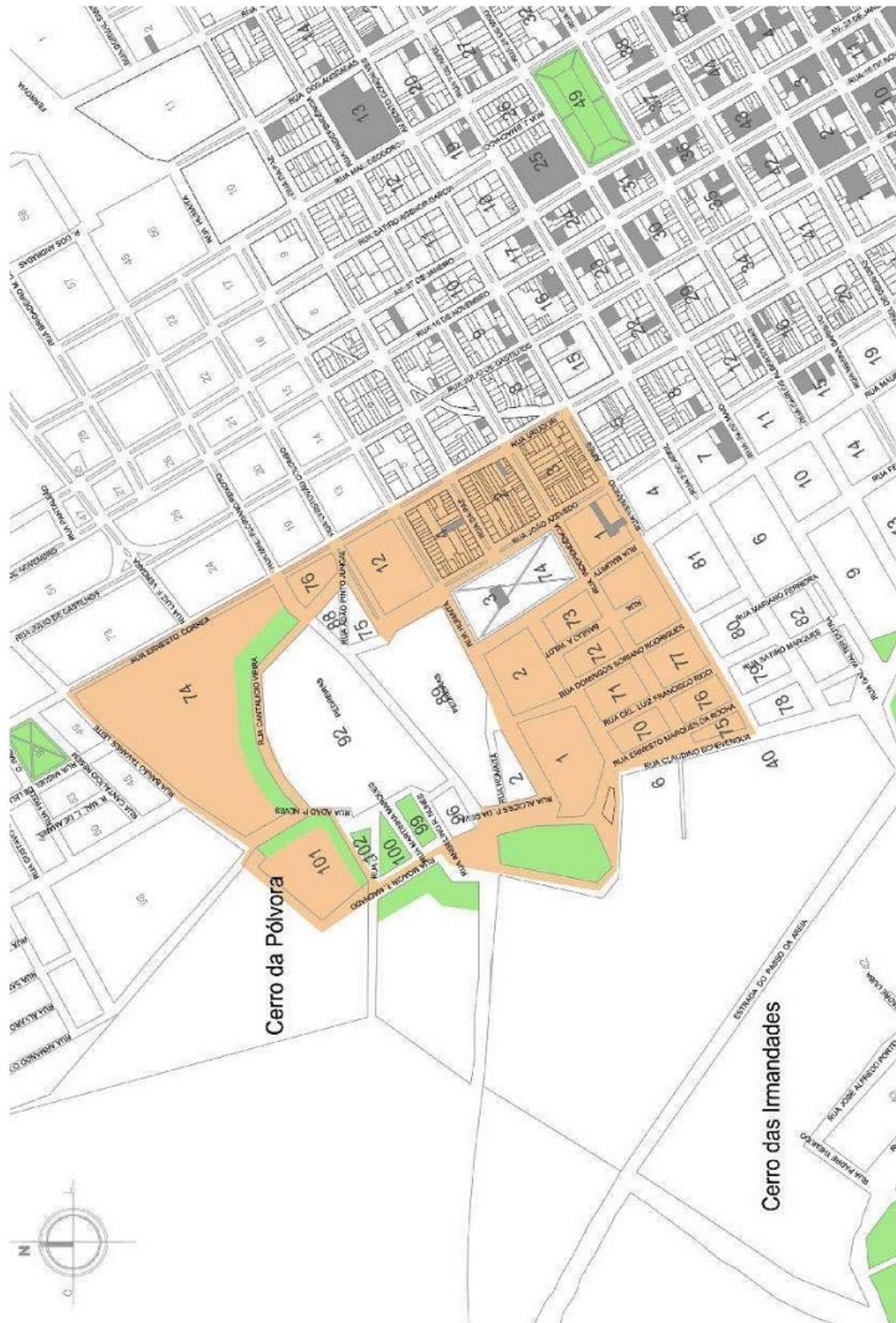
Lei Nº 6.102/2015 de Janeiro de 2015. DISPÕE SOBRE O SISTEMA MUNICIPAL DE CULTURA DE JAGUARÃO. Disponível em <http://www.jaguarao.rs.gov.br/wp-content/uploads/2015/03/LEI-N%C2%BA-6.102-Sistema-Municipal-de-Cultura.pdf> Acessado em 30/11/2015.

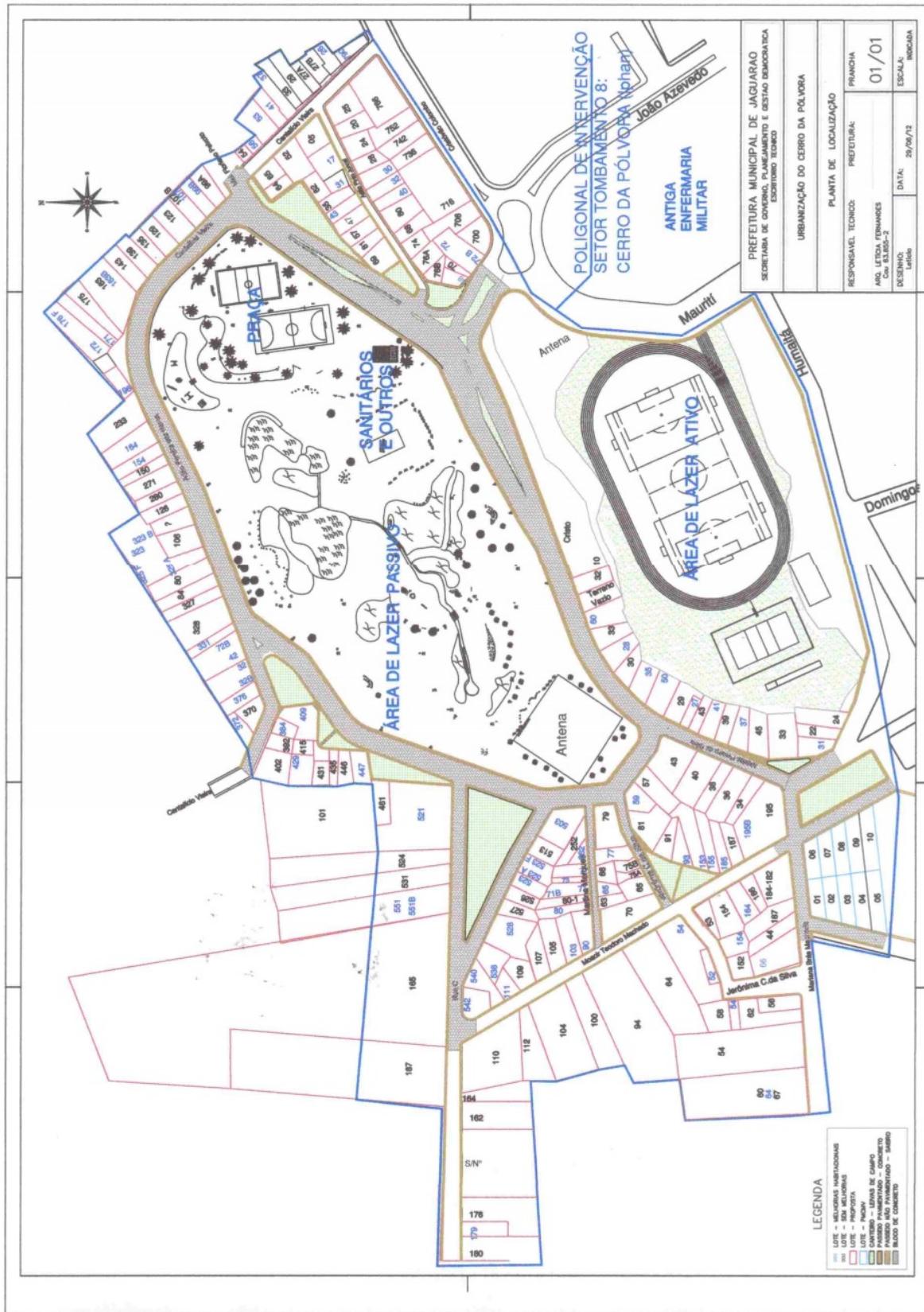
UNIPAMPA. Universidade Federal do Pampa. **PROJETO INSTITUCIONAL.** 2009. Disponível em http://www.unipampa.edu.br/portal/arquivos/PROJETO_INSTITUCIONAL_16_AG0_2009.pdf Acessado em 22/10/2015

Brasil Arquitetura. **Projeto do Centro de Interpretação do Pampa.** Disponível em <http://brasilarquitetura.com/projetos/centro-de-interpretacao-do-pampa> Acessado em 20/05/2015

8. ANEXOS

8.1. Imagens





Anexo 2: Planta do planejamento de requalificação do Bairro Cerro da Pólvora. Fonte: Escritório técnico da PMJ

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto: O Uso Social do Espaço Público e o Processo de Gentrificação: Análise do Centro de Interpretação do Pampa em Jaguarão/RS
 Pesquisador Responsável: Leandro Vieira de Amorim
 Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal do Pampa.
 Contatos: Tels.: (53) 8142-2784 E-mail: leovieiramg@yahoo.com.br
 Endereço: R. Frederico Radunz, 244, Kennedy, Jaguarão/RS

Nome do voluntário:

Idade:

R.G.:

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa "O Uso Social do Espaço Público e o Processo de Gentrificação: Análise do Centro de Interpretação do Pampa em Jaguarão/RS", de responsabilidade do pesquisador Leandro Vieira de Amorim.

O objetivo desta pesquisa é analisar o uso social do espaço público com atividades culturais e o possível processo de "Gentrificação" no entorno da obra do Centro de Interpretação do Pampa na cidade de Jaguarão-RS. Relatando o processo de planejamento e construção da obra e levantando a utilização do uso deste equipamento com atividades culturais anterior a obra do CIP.

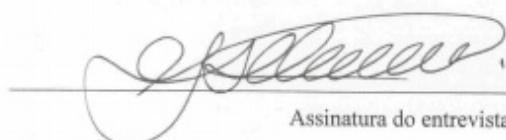
Para a concretização deste trabalho é necessário colher informações de pessoas diretamente ou indiretamente ligadas a este equipamento cultural e/ou o bairro Cerro da Pólvora. Sua participação, além de muito importante para a consecução dessa meta, é voluntária. As informações assim obtidas serão utilizadas para fins de pesquisa, exclusivamente, podendo, a partir do seu consentimento, serem registradas / gravadas. Este consentimento poderá ser retirado a qualquer tempo, sem prejuízos. Você pode se recusar a responder qualquer das questões. Sua participação não gera nenhum ônus financeiro, assim como não terá compensação financeira.

Como entrevistado, será garantido o livre acesso aos resultados do estudo bem como o esclarecimento antes e durante a pesquisa sobre a metodologia e/ou objetivos empregados.

Eu, José Avelino de Oliveira Porto, abaixo assinado, concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito. Declaro ter sido devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação, sendo esta não remunerada. Estou ciente da possibilidade de retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade.

Jaguarão, 27 de outubro de 2015.

Telefone para contato:



Assinatura do entrevistado

Anexo 3: Termo de livre esclarecimento. Fonte: autor

8.2. Entrevistas

ENTREVISTA REPRESENTANTES DA UNIPAMPA.

Indicação de data e hora: 20/11/2015 18:00:02

Identificação: Vera Lúcia Cardoso Medeiros - Pró-reitora de Extensão e cultura (PROEXT) da UNIPAMPA; Helyna Dewes - Produtora Cultura da PROEXT UNIPAMPA

Respondendo a este questionário concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito. Declaro ter sido devidamente informados e esclarecido sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação, sendo esta não remunerada. Estou ciente da possibilidade de retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade. Sim, eu concordo.

1. Se tratando da construção de um espaço museal, que será laboratório de pesquisas e práticas da universidade, como a gestão compreende o projeto do Centro de Interpretação do Pampa, para a universidade que projeto é este e o que orientou a sua concepção?

O projeto do Centro de Interpretação do Pampa (CIP) desde sua concepção tem como objetivo fomentar a educação patrimonial e a produção científica sobre as condições naturais, culturais e sociais da região.

A partir de uma demanda apresentada pela prefeitura, e por ser um projeto recomendado na época pelo IPHAN, a Unipampa uniu esforços com a comunidade de Jaguarão para a construção do projeto. Desde a década de 1990 era reivindicada a revitalização das ruínas da antiga enfermaria militar, tendo em vista a importância histórica do prédio para a cidade. Alguns projetos foram lá desenvolvidos, mas nenhum com a dimensão do CIP.

2. Como foi o processo de construção da proposta do CIP? Que agentes se envolveram, como e quando ela surgiu?

No dia 20 de janeiro de 2010 foi firmado o convênio entre Unipampa e Prefeitura de Jaguarão para a realização do projeto. Na data também foi assinado o contrato com a Brasil Arquitetura, empresa que desenvolveu o projeto do CIP.

Por ser um bem tombado pelo IPHAN, o prédio da antiga enfermaria juntamente com o seu entorno sempre tiveram a atenção da população de Jaguarão. Entretanto, isso não impediu depredações e descuido com esse patrimônio ao longo do tempo.

A mobilização da população da cidade, através de um abraço simbólico, bem como a ideia inicial do projeto, são anteriores à chegada da Unipampa na região, o que demonstra que a universidade vem a ser uma catalizadora de um processo que já estava em andamento.

3. Houve participação da comunidade do Cerro da Pólvora? Se houve, como essa participação se deu?

Sabemos que a população de Jaguarão demandava, há muito tempo, a revitalização do espaço da antiga enfermaria. Contudo, não possuímos dados que permitam responder de forma mais detalhada tal questão.

4. Como se pensa a gestão do espaço? Já há alguma proposta de curadoria, por exemplo?

Ainda não há proposta de curadoria. Os atuais dirigentes da universidade - cujo mandado expira em dezembro próximo - entendiam que a gestão do espaço museal deveria ser amplamente discutida com toda a instituição, envolvendo o conjunto dos servidores e dos campi. Em razão da complexidade do empreendimento, que envolveu a restauração de prédio histórico e construção de partes novas, optou-se pela conclusão da obra física para dar andamento às demais etapas.

Dessa forma, entende-se que a partir de 2016 pode ser iniciada a etapa de planejamento da gestão do CIP.

5. Em que ponto da gestão do CIP, o campus Jaguarão está/estará inserido, tendo em vista que no campus há cursos que podem auxiliar nessa gestão, como, por exemplo, o Bacharelado em Produção e Política Cultural, a Licenciatura em História e também o Tecnólogo em Gestão de Turismo?

Entende-se que o campus Jaguarão deverá desempenhar papel crucial na gestão do CIP em decorrência de sua localização geográfica e também dos cursos de graduação, pós-graduação e extensão ofertados na unidade.

6. No projeto de execução do CIP, a prefeitura municipal de Jaguarão se comprometeu a fazer diversas obras no entorno como forma de contra partida ao projeto, entre elas a pavimentação e abertura de vias e restruturação urbana do bairro. Neste sentido há alguma fiscalização por parte da universidade a excussão destas obras?

Não cabe à UNIPAMPA esse tipo de fiscalização sobre a atuação da Prefeitura. A universidade é responsável pelas obras relativas ao prédio (ruínas da enfermaria). Eventuais obras fora dos limites desse prédio não são de responsabilidade da universidade. A sociedade jaguarense poderá cobrar esse compromisso da prefeitura.

7. Tendo em vista que as pessoas que fazem parte da comunidade do entorno do CIP têm demandas de diversas naturezas e, em sua maioria, apresentam baixa escolaridade e renda, como a universidade pensa em promover uma integração ao Centro? Há algum projeto de inserção da comunidade local no cotidiano do CIP, como projetos ligados a arte educação, que estão em diversos espaços culturais?

A inserção da comunidade local no cotidiano do CIP deve ser uma das diretrizes da gestão do espaço, etapa a ser desenvolvida com maior ênfase a partir da conclusão das obras físicas. O modo como tal inserção ocorrerá será definido pelos responsáveis pelo projeto museal e pela gestão cultural do espaço. Espera-se que a comunidade jaguarense, em especial aquela vizinha ao CIP, possa usufruir de todo o conhecimento produzido nos dez campi da universidade, bem como os saberes locais possam ser difundidos nos outros municípios que sediam nossa instituição.

Entrevista Representante Secretaria de Cultura e Turismo de Jaguarão.

Entrevistado Secretário de Cultura de Jaguarão, Sr Jose de Alencar Porto. Entrevista realizada no dia 27 de outubro de 2015.

1. Como foi o processo de construção da proposta do CIP? Que agentes se envolveram, e como e quando ela surgiu?

A proposta do CIP, ela foi quando o atual governo assumiu em janeiro de 2009 uma equipe se deslocou até Porto Alegre, nos órgãos federais se colocando à disposição, fazendo uma primeira conversa que havia uma gestão nova em Jaguarão, dentre tantas outras tivemos na sede do IPHAN, e lá foi proposto, pessoas que estavam presentes ouviram da então superintendente do IPHAN na época, que tinha uma proposta, na época se falava em museu do pampa que depois no decorrer do projeto passou a se chamar Centro de interpretação do pampa, e que tinha um imbróglio ai, de uma outra cidade interessada mas não estava fluindo direito e que se Jaguarão conseguisse um espaço seria uma cidade candidata a abrigar o CIP, sediar. Bem as coisas andaram rápido, se conseguiu ali o espaço da enfermaria, o terreno da frente pertencia a prefeitura e o local propriamente dito da enfermaria era do ministério do exército, bom, andou muito rápido essa tramitação toda, a então reitora a Prof. Maria Beatriz Lúci foi muito parceira da prefeitura naquele momento, a prefeitura se entusiasmou com o projeto, digamos, pra quem vê de fora na época pode ter parecido uma insanidade colocar 100 mil reais num pré projeto tendo ai poucos meses de governo e tendo uma infinidade de coisas pra fazer, mas essa proposta ela dialoga com a filosofia da atual gestão que é projetar, preparar a cidade pra médio e longo prazo, a gente em tantas outras ações a gente tem optado por seguir um planejamento, por exemplo você deve escutar a questão dos buracos das ruas mas agora semana que vem começa 31 quadras de asfalto na outra semana tem licitação para

bloquete, então, é, as contrapartidas são altas, então se optou por gastar menos diesel com uma patrula numa rua de chão e procurar investir a médio e longo prazo. É um preço político que se paga, mas com certeza cada gestão opta por uma linha sempre visando o bem estar da comunidade e até então a gente pensa que a gente tem acertado muito nessas questões do próprio investimento do restauro público, de captação de recursos junto ao governo federal, mas basicamente é isso, a ideia e o CIP flui bem mais rápido, nós tivemos o apoio do IPHAN porque nós já estávamos iniciando a obra de restauro do teatro então o Instituto de Patrimônio Histórico Nacional, tanto a superintendência de Porto Alegre quanto a de Brasília começaram a nos enxergar de uma forma diferente, que era alguém que estava preocupado com a restauração dos prédios mas também usar um viés aliado ao turismo de compras que se propiciasse um turismo cultural, dentre os turistas de compras que vem sempre irá ter alguém com filim cultural mais apurado que possa ficar mais uma noite num hotel, tomar sua agua mineral, colocar seu combustível nos postos daqui, então é encadeado. Da ideia inicial respondendo tua pergunta, já falei outras coisas, mas é essa, foi essa, foi um grupo ter ido a Porto Alegre, se manifestado em relação a isso e o IPHAN abraçou junto conosco, depois disso o projeto foi pago pela prefeitura, a UNIPAMPA aportou o restante pra terminar de pagar o projeto e depois o ministério da cultura e ministério da educação financiaram a primeira fase e agora depois de ter sido incluído no PAC das cidades históricas o ministério da cultura e o IPHAN dentro da cidades históricas que continuaram executando a obra até o seu final. 04:50

2. Houve participação da comunidade do Cerro da Pólvora? Se houve, como essa participação se deu?

Ela foi mínima, porque foi muito rápido, a proposta do IPHAN se deu nos tínhamos um prazo pra cumprir, tivemos um problema porque tínhamos que aprovar uma verba na câmara de vereadores de transferência de rubrica dos 100 mil reais que foi o dinheiro do pré-projeto, e sempre se fazia conversas antes desse grupo ser governo com o pessoal do entorno, do Cerro da Pólvora ali, do entorno da Enfermaria Militar a preocupação era que o prédio fosse cair, então nos organizamos o abraço a enfermaria, você já deve ter visto essa foto em algum lugar e tiveram algumas pessoas ali do entorno que passaram, foi explicado brevemente, não teve assim uma sucessão de audiências públicas, não teve, a gente é bem sincero, mas ouve sim uma mobilização no intuito que faríamos, e estariamos parceiros da universidade federal do pampa pra organizar uma obra que evitasse a queda prédio, que era eminentemente, já tinham paredes balançando e estava perigoso pra comunidade. Importante relatar que a comunidade, aquilo ali fazia parte da vida da comunidade, aquele espaço né, as pessoas faziam até churrasco lá dentro, tomavam um vinho se reunião, tocavam violão, estendiam roupa, o fato de ser alto propiciava uma sombra boa no verão de quase 40º aqui de Jaguarão era um espaço confortável e as pessoas tinham, mesmo precariamente, aquele espaço como um momento de descontração e lazer, então aquele pessoal ali tem que ser muito respeitado nesse aspecto, eles tem que ser incluídos no pós obra e é um desafio tanto pra universidade federal do pampa como pra gestão municipal.

3. Tendo em vista que as pessoas que fazem parte da comunidade do entorno do CIP têm demandas de diversas naturezas e, em sua maioria, apresentam baixa escolaridade e renda, como a universidade pensa em promover uma integração ao Centro? Há algum projeto de inserção da comunidade local no cotidiano do CIP, como projetos ligados a arte educação, que estão em diversos espaços culturais? A prefeitura já pensa ou se desenha algum projeto de inserção da comunidade local no CIP?

Olha, a gente está ainda no furor da obra, tem algumas tratativas com a secretaria de educação, é. A proximidade com, quem vê de fora parece longe, mas a proximidade com o prédio do CIP e a UNIPAMPA são poucas quadras, indo por trás ali. Então ideias tem múltiplas, tanto do corpo da UNIPAMPA, quanto da secretaria de educação e secretaria de cultura, mas eu aposto muito na questão dos trabalhos de extensão com aquela comunidade, depois de pronto, porque essa questão até o próprio significado do que é o centro interpretação do pampa, muitas pessoas que moram no Rio Grande do Sul imaginam que é um grande CTG, um grande Centro de Tradições Gaúchas, e não é isso, ele é um referencial do gaucho, porque o pampa começa na região de Santa Maria atravessa todo o rio grande, todo Uruguai e uma ponta da Argentina e tem uma história muito rica no aspecto da formação do gaucho, como se deu a formação no período da colonização da América Latina, antes de ter acampamentos mais organizados lá pelos idos de 1600, 100 anos depois da chegada de Colombo e Cabral, tanto os espanhóis como os portugueses tinham o costume de mandar um navio com 15/20 vacas e um touro e soltavam nessa região isso 30/40 anos depois lá pelos idos de 1640 tinha uma população de gado bovino infinita até Porto Alegre ai se criou um ser

que moravam em grupo de quatro, que alguns historiadores chamam de idade do couro, ele se vestiam com o couro, moravam em cabanas de couro essa é a figura, acho as vezes que o Rio Grande do Sul embora tenhamos um culto a tradição muito ufanista, é legal de ver mas eu acho que não podemos renegar parte da história, a história é muito mais ampla e a proposta do Centro de interpretação do pampa é o gaucho, a cultura do pampa latino-americano. Então dentro disso tem muito a ver com a região, obviamente, inclusive já se tem a ideia de fazer mais dois, um no Uruguai e outro na Argentina que seria uma ideia fantástica, uma linha com o Centro de Interpretação, mas eu intendo que essa sua pergunta ela um desafio imenso, porque ele vai ficar um espaço de intercessão, de trocas para o meio universitário, para o meio mais cultural fantástico uma excelente praça de alimentação, máquinas interativas, já viu o filme aquele – do projeto? – sim do projeto, mas o anfiteatro lá na pedreira, então são coisas fantásticas que tem tudo a ver com este grupo né, com o grupo universitário, o grupo cultural da cidade mas o desafio de qualquer gestor é popularizar a cultura, então esse é o desafio que não vai ser a secretaria de educação, a secretaria de cultura, a UNIPAMPA sozinha, o corpo docente municipal, o corpo docente universitários, os alunos que de forma desagregada, desordenada um grupo de militantes tentando fazer isso, não vai acontecer é um trabalho que tem que ser puxado pelo conjunto da comunidade, então, isso vai passar por muita discussão e não só o centro de interpretação do pampa como todos os outros aparelhos culturais que, por exemplo o teatro está sendo entregue, o mercado vai ser um aparelho cultural porque ele é um espaço que se propicia para isso, então acho que a comunidade como um todo vai ter que trabalhar o conjunto desse aparelhos culturais pra integrar quem ainda não faz parte dele. 11:20

4. Como se encontra o processo de urbanização do entorno do CIP? O que já foi feito e o que ainda está por fazer?

Tivemos uma licitação a 15 dias e teremos outra na semana que vem e a da semana que vem que é com pedra, com bloqueio não é o asfalto, ela prevê o entorno da qualificação do CIP todas as ruas do entorno do CIP e todas as ruas do entorno do CIP que interligam com as ruas de baixo Julio de Castilho, 15 de Novembro e 27 de Janeiro isso é imediato já.

5. Qual é a situação fundiária das propriedades do Cerro? Qual o valor médio do terreno/casa no Cerro da Pólvora? A prefeitura tem estes dados?

Tem um auxílio, um auxílio não como é que seria a palavra um apoio da secretaria, escritório técnico da secretaria de planejamento e urbanismo através dos nossos engenheiros e arquitetos, inclusive tem um projeto de requalificação de casas e causadas naquele entorno, tem um cadastro todo foi um trabalho minucioso feito, eu não sei te precisar o número mas a secretaria de planejamento tem condições de te explicar mais

6. Agora falando sobre a Enfermaria Militar, como se deu seu processo de patrimonialização? Quais eram os usos daquele espaço por parte do poder público? E por parte da comunidade, quais eram os usos daquele espaço pela comunidade segundo o entendimento do órgão público?

Assim, tem muita... tem lenda pra todo gosto... ela era uma Enfermaria Militar que funcionou por um período depois ela acabou sendo fechada na década de 70 ela já não era mais usada. Bom, o que se sabe e que ela foi em dois ou três dias inteiramente depredada pela, depredada não, depredada ela teria sido destruída, ela foi saqueada, as pessoas pegaram as telhas, pegaram o que tinha dentro e levaram para suas casas, e até bem pouco tempo atrás numa situação bem folclórica, normalmente um borracharia tem um espaço grande água pra ver onde está o furo do pneu, então várias borracharias de Jaguarão tinham umas banheiras muito bonitas com pés, que eram as banheiras da Enfermaria Militar, que foram saqueadas. Então, a partir daí ela ficou um tempo interditada, fechada, como era um patrimônio do Ministério do Exército protegia, mas depois foi ficando, foi ficando, foi ruindo, é... o espaço na década de 80 um grupo de estudante de arquitetura, que eram de Jaguarão e que estavam estudando na UFPEL E na URGES, Universidade do Rio Grande do Sul em Porto Alegre começaram um trabalho de... da preservação como um todo e teve uma vigília, uma noite, um sábado a noite belicismo na enfermaria, eu era bem gurizão na época, mas me lembro que eu acompanhei e pra você ter uma ideia vieram os Engenheiros do Havaí tocar que faziam arquitetura também em Porto Alegre, viram na parceria do pessoal daqui, e de lá pra cá as vezes as pessoas pensam, ô o tombamento se deu rápido, o tombamento foi um processo que já iniciou lá na década de 80 depois ficou parado por muitos anos e sempre tinha os arquitetos da região sempre foram apaixonados pela cidade, pela conservação do seu patrimônio histórico e a gente chegou em um momento certo, na

hora certa pra que pudesse deslanchar minimamente as questões, tem coisa pra fazer? Tem muito, muitíssimos prédios ainda a serem restaurados, mas foi o começo, os pontos chave da cidade, do coração do centro histórico a gente vai conseguir devolver pra cidade com uso né. E a forma do uso dela era precário, como falei anteriormente era pessoas que iam pra lá tomar seu chimarrão, tomar seu vinho as vezes a noite até fazer seu churrasco, mas era um espaço que não tinha uma...um uso adequado pra toda a comunidade, quem morasse ali perto poderia ir, e que não era todas as pessoas queriam também, tinha também um certo preconceito em relação o espaço eles acham perigoso, mas a gente nunca registrou nada, então o desafio continua sendo esse que é que esse pessoal que ia anteriormente continue indo e que se amplie esse espaço não só pro entorno do Cerro da Pólvora mas pra comunidade como um todo, como todo pode ser utopia mas eu digo que a ampla maioria da comunidade saiba o que está acontecendo e tenha acesso.

7. Há algum espaço de atividade de lazer/atividade cultural no bairro Cerro da Pólvora? Se não: Já houve em algum momento? Se sim: Quais?

Olha, ele sempre se resumiu a espaços de uma quadra pra futebol, quadra de vôlei já teve a um tempo atrás e agora está se estudando, não me ocorre o nome dessa praça pública que tem aparelhos de ginástica e tals e o que tá, teve um centro comunitário que hoje abriga algumas famílias em situação de vulnerabilidade, mas ainda temos um...um passivo muito grande a cumprir ali, não só ali como em vários outros bairros, ali sempre foi em espaço considerado o maior espaço de vulnerabilidade social e melhorou muito, hoje nesses últimos anos as casas são de alvenaria mas ali, eu me criei vendo 70% dos imóveis ali eram feitos com... no tempo que o olho de soja vinham em lata e não em garrafa plástica, eles abriam as latas e construíam as paredes das casas com lata, então de alguns anos pra cá melhorou bastante como os demais bairros e até porque Jaguarão os demais bairros sempre foram surgindo de forma muito desordenada, faz os loteamentos as pessoas faziam as casas e demorava um ou dois anos pra chegar água e luz, então isso não é uma prerrogativa de Jaguarão, todas as cidades tem disso, e a gestão municipal nunca vai dar conta de tudo, porque quando deu conta de um minimamente com água e luz por exemplo já tem dois precisando, então é o desafio da gestão pública, mas eu te digo é uma coisa que...antes quando a gente começou as obras de restauro eu pensava que o desafio era começar e entregar a obra pra comunidade, hoje o desafio é pra não só manutenção desse espaço, mas sim a inclusão, eu acho que todo esse dinheiro que é gasto, é dinheiro público em local público e ele tem que fazer jus, se a ampla maioria da população não tiver acesso a esses espaços eu acho que não valeu de nada, se for pra poucos, poucos não precisam desses espaços maravilhosos e grandes do jeito que estão ficando, poucos se reúnem em espaços menores né, então ele tem que ser utilizado pela ampla maioria da população que queira, que queria fazer parte, que compreenda principalmente, querer eu acho que... se a pessoa não quer é porque não compreende não sabe do que se trata, mas que compreendam e que queiram eu acho que tem que estar aberto, tem que ser incentivado e tem que ser trabalhado em conjunto.

8. Na atualidade existe algum programa que estimule a produção e atividades culturais de comunidade carente? Isto em âmbito municipal.

A gente trabalha com o Arte de Rua aos quatro ventos que é uma ação que trabalha diretamente com os bairros através do hip hop, dos Mcs, do basquete de rua e...e por exemplo a verba tudo que acontece hoje no município no âmbito do restauro e de grandes apresentações musicais, por exemplo grande eventos, como por exemplo, feira do livro e... vou especificar, vou grifar a feira do livro porque a feira do livro? Restauros e as grandes apresentações estaduais e nacionais elas são capitadas com projetos junto ao governo federal e ao governo estadual bem menos, mas é governo Federal que tem condição de aportar mais, o que que acontece, um dia eu estava num show da Leci Brandão por exemplo e eu caminhei duas quadras pra baixo e observei dois postes de gasolina e cheguei a contar 35 bicicletas entorno de um poste amarradas com uma corrente só, ai me fez refletir aquilo ali, fiquei pensando, depois olhei as pessoas que estavam indo embora na hora do show e isso propiciou que alguém que veio de uma vila muito distante pra assistir um show de uma sambista de renome internacional de graça, de graça não, foi pago com dinheiro público, mas a pessoa não precisou pagar pra assistir, como os demais show que aconteceram, então esse investimento, o ideal é que nós conseguimos ter trabalho em todos os rincões ao mesmo tempo, mas a gente não tem perna pra isso, eu frisei com verba do governo federal porque o nosso orçamento aqui a gente faz chover, tudo que a gente consegue, por exemplo cineclube a gente consegue descentralizar, tantas outras ações, a gente está inserido no "Abraç" que é um programa do governo comitê de

requalificação de praças junto a isso se leva atividade cultural durante o período da requalificação da praça, no dia e depois, então é mínimo digamos assim, ele é o máximo que a gente consegue fazer com nossos recursos mas de acordo com a demanda ele vem a ser mínimo, então é um desafio e essa preocupação a gente tem. Nos dentro das culturas populares quando chegamos em Jaguarão basicamente a festa maior que tinha na cidade era a festa do Divino Espírito Santo, parecia que tinha uma aura proibitiva de outros cultos religiosos poderem ter sua procissão e nós conseguimos romper com isso, as religiões de matriz afro hoje são amplamente reconhecidas e constroem junto com a gente os seus espaços, então tiveram avanços por exemplo Semana da Consciência Negra não existia, existia uma lei que nunca foi implementada no ano de 2009 tivemos a primeira e estamos indo para sétima, e todo esse processo de trazer o nosso carnaval por exemplo, temos trios com cordas, temos trios sem corda, então tudo isso dentro das nossas dificuldades a gente faz de tudo pra incluir o máximo possível, é um trabalho com toda humildade que ainda deixa a desejar, que nossas pernas são curtas né realmente no aspecto financeiro, mas a equipe toda é muito coesa e a onde falta grana sobra vontade então a gente vai fazendo e agora com o fundo de cultura e... a gente está com uma dificuldade terrível até pra alimentar o fundo esse ano, pra construir o edital que é um sonho antigo nosso, o Concelho Municipal de Cultural chegou pra contribuir muito, cobram muito, e isso é muito bom a gente gosta dessa parceria com o Concelho e é uma angustia nossa também, e a gente vai democratizar porque também a gente herdou um costume que não é fácil em poucos anos mudar, de sempre as mesmas pessoas terem acesso ao/a secretaria de cultura pra fazer seus eventos, ai eu posso citar, CTGs, Escolas de Samba e a gente já tentou fazer muita coisa durante o ano com as escolas de samba e ainda é difícil romper com essa cultura, o pessoal está acostumado a pegar a subversão e botar sua escola na rua e não vai demérito nenhum nisso, nesse pessoal, é um pessoal que a gente tem um ótimo relacionamento com a Liga das Entidades Carnavalescas, com a Liga dos Trios, são organizações populares, especialmente a Liga das Entidades Carnavalescas que é bastante inclusiva, mas ainda a gente tem um trabalho muito grande pra ampliar os projetos que a gente efetivamente, nós temos projetos na zona periférica e na zona de vulnerabilidade social, mas eles ainda estão a quem da necessidade, então a gente está caminhando, estamos otimistas mas temos a consciência que ainda é pouco.

ENTREVISTA COMUNIDADE.

Indicação de data e hora: 19/11/2015 17:16:18

Identificação: Bob Alex Araújo discente curso Produção e Política Cultural UNIPAMPA - campus Jaguarão

Respondendo a este questionário concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito. Declaro ter sido devidamente informados e esclarecido sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação, sendo esta não remunerada. Estou ciente da possibilidade de retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade. Sim, eu concordo.

Você mora ou já morou no bairro Cerro da Pólvora? Sim, já morei. Mas não moro atualmente.

Fale sobre sua memória da Ruína da Enfermaria Militar. Neste ponto gostaria que você falasse sobre os usos sociais e culturais que este espaço teve antes de começar a obra da construção do Centro de Interpretação do Pampa.

Sou natural de Jaguarão, nasci em 1977, nessa época meu pai tinha uma borracharia a duas quadras da enfermaria, na rua paz esquina Júlio de Castilhos, e morávamos na Claudino Echevengua, também a poucas quadras da enfermaria, a rua da paz ainda era aberta a frente da Enfermaria, e era nosso local de passada, pequeno minha mãe ia ajudar meu pai na borracharia, e me levava junto, a tardinha quando meu pai nos levava pra casa e quando passávamos ali na frente sempre um dos dois contava alguma história sobre o local, minha mãe contava histórias de quando minha vó era cozinheira naquele local, quando ali funcionou como escola, contava histórias de ter estudado ali também, de uma tia minha que havia feito a primeira comunhão na capela dali, já meu pai contava histórias macabras, de amigos presos, torturados, ditadura, coisas que não entendia ainda, minha mãe sempre fazia cara feia nessas horas, essas histórias misturada com a aparência sombria do local

atracavam a minha curiosidade, aos 7 anos fui estudar na escola Marcílio Dias, um pouco abaixo da enfermaria, as vezes matávamos a aula, e em turma famos pras ruínas brincar por lá, nessa época seguido havia ciganos acampados no local, nossos pais nos assustavam com estórias de sequestros por parte deles, mas ainda assim seguíamos matando a aula e indo pra lá brincar, nos finais de semana brincávamos de esconde-esconde, jogávamos futebol, as vezes minha mãe mesmo nos levava, junto com tias e primos, levava sempre coisas de comer, mate, ficavam conversando nas janelas das ruínas, admirando a paisagem, já que dali dá pra ver toda a cidade, enquanto nós brincávamos, a frente das ruínas tudo era campo, era uma correria só...aos 10 anos houve um espetáculo de música que não lembro o nome, meu mai me levou, foram 2 ou 3 dias de música, um dos dias foi especial pra mim, tocou engenheiros do Havaí, quando eu tinha uns 12 ou 13 anos, não lembro bem, foi criado um parque no local, a rua na frente das ruínas foi fechada, o entorno cercado, havia cabanas de madeiras ,um açude com uma cabana no centro e uma ponte para chegar até ela, um labirinto enorme feito de postes de eucalipto cravados no chão, uma pista de bicicross onde havia campeonatos, balanços, bancos, e o local foi totalmente iluminado, a população ia direto pra lá, eram realizados concursos de beleza, apresentação de espetáculos de música, mateadas, havia responsáveis pelo cuidado do local, segurança a noite, depois de um tempo trocou administração da cidade, e o local ficou abandonado, mas o pessoal segui usando o local, nós tínhamos uma turma que íamos direto pra lá, passei a adolescência lá dentro, ligávamos a energia por nossa conta, limpamos um dos porões, iluminamos, levamos um aparelho de som, ficávamos lá a noite, escutando música, as vezes aparecia alguém com um violão, tocava algo, muitos amigos e amigas tiveram a primeira transa por lá, sempre havia casais de namorados, tanto a noite como no dia, a tardinha sempre rolava um futebol no pátio das ruínas, eu levava tintas, pintava paisagens, rostos, loucuras nas paredes, houve uma vez que pintei um diabo enorme, tipo do tamanho de um corpo real, em vermelho e preto, consegui uma tinta amarelo demarcação com o pessoal que dava manutenção no asfalto, com essa tinta pintei chamas na volta do diabo, essa tinta a noite quando bate a luz dos automóveis torna se luminosa também, dava a impressão que estivesse pegando fogo mesmo, isso foi em 1996,as pessoas passavam na rua de carro, a luz batia na parede interna e causava espanto, houve reclamações e a prefeitura deslocou um funcionário pra lá e mandou apagar, em 2000 ou 2001,não lembro bem, voltei a pintar o mesmo diabo, e novamente mandaram apagar, houve outros amigos que pintavam que também usaram as paredes das ruínas como tela pra suas obras, mas muitas dessas pinturas foram depredadas por outros frequentadores, quando da pintura do diabo pela segunda vez, já era pai, e levava minha filha sempre comigo, o pátio era um jardim pra ela, houve domingos em que nos reuníamos lá, mesmo morando distante agora, fazíamos churrascos, jogávamos bola, fazíamos piqueniques.. ou as vezes só me sentava na janela mesmo e ficava mostrando locais na cidade pra minha filha, ao mesmo tempo contando histórias sobre os locais, em determinados dias quando o rio ta crescido da ver todas suas curvas até desaguar na lagoa. Minha filha adorava. Agora passo e vejo aquelas janelas fechadas, a pouco descobri que fechadas ficarão, e me pergunto, será que as novas gerações vão poder ver a cidade como minha vó, minha mãe, eu, e minha filha um dia viram...

Você possui alguma outra história ou memória sobre a Ruína da Enfermaria Militar e o Cerro da Pólvora que queira contar?

Histórias de vivências na enfermaria não faltam, afinal passei minha juventude lá, e mesmo depois de casado, pai, aos domingos, muitas vezes sozinho, a pé subia o cerro, entrava nas ruínas, escolhia uma janela e ficava por horas a fio, espiando a cidade inteira lá de cima, sentindo a brisa que sempre corre no cerro e recordando histórias. na adolescência tinha um amigo ,o Rubens, conhecido por nós como Toto, o Toto é uruguai, e seu padastro é Consul, por isso vivia nessa época em Jaguarão, houve uma vez que brigou com a família, sem ter onde morar, acabou morando no porão da enfermaria, levou alguns pertences seus pra lá, pela manhã quando lá chegávamos já nos esperava com um bom mate amargo, a noite sempre tinha uma caipirinha, tocava uma viola, toda a galera que frequentava o local levava algo pra colabora com ele, contava histórias de quando morou na argentina e o consulado uruguai era ao lado de uma família de chineses, e lá aprendeu kung fu, as vezes chegávamos e nos deparávamos com ele treinando posições de luta, plantando bananeiras no alto das paredes, ou mesmo meditando de olhos fechados no meio da grama, ensinava muitas técnicas pra nós, quando chegava e ele estava praticando kung fu no interior das ruínas a cidade e a vida lá fora sumia pra mim, parecia que eu estava em outro local, trazia paz...depois de um tempo ele fez as pazes com a família, o padastro dele foi transferido pra Espanha, e hoje nossa amizade se mantém via Facebook, sempre nos recordamos de nossas histórias, tínhamos uma ligação muito forte, adorava artes marciais, e ela adorava pintar, trocávamos conhecimentos direto...

Em sua visão, o que será o Centro de Interpretação do Pampa?

quando da primeira vez que ouvi falar da reforma do local eu e amigos imaginamos um parque, com uma parte museu, um local iluminado, de livre acesso, com suas amplas janelas abertas para o rio, mas hoje vejo que sera diferente, o local já se encontra todo cercado, não vejo necessidade disso, cercas afastam a população, acho que agora o público sera diferente, as janelas permaneceram fechadas, e não mais poderei ver o rio e suas curva, a cidade e seus telhados como os via desde novinho, vai ficar bonito, vai ter um uso, não mais estará abandonado, mas a população local que lá fazia outros usos, não mais fara, sem nem ter sido consultada se era isso mesmo que queria pro local...

Agora fale sobre o que você quer que seja feito no espaço da Ruína da Enfermaria Militar

Queria ver um parque, praça, no entorno das ruínas, espaço aberto, a toda população, quando digo aberto digo sem grades, cercas, com brinquedos, academias ao ar livre, bancos e arvores pra acomodar as pessoas, um local pra pratica de skate, um local multiuso, não um lugar cercado com está se tornando, um local livre, de multiuso e multicultural com o foi nos últimos anos pra população de Jaguarão.

Indicação de data e hora: 19/11/2015 15:45:34

Identificação: **Helena Beatriz Costa de Oliveira**, Universidade Federal do Pampa, estudante do Curso de Bacharelado em Produção e Política Cultural, cursando o 4º semestre em Jaguarão-RS. Natural de Herval e residente em Jaguarão a 30 anos.

Respondendo a este questionário concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito. Declaro ter sido devidamente informados e esclarecido sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação, sendo esta não remunerada. Estou ciente da possibilidade de retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade. Sim, eu concordo.

Você mora ou já morou no bairro Cerro da Pólvora? Não, nunca morei.

Fale sobre sua memória da Ruína da Enfermaria Militar. Neste ponto gostaria que você falasse sobre os usos sociais e culturais que este espaço teve antes de começar a obra da construção do Centro de Interpretação do Pampa.

Eu não morei no Cerro da Pólvora, mas morei a duas quadras do referido prédio, participei de vários eventos que ali aconteciam, mateadas, bingos, apresentação do Engenheiros do Havaí dia que veio uma tempestade forte durante o show onde se encontrava um bom número de pessoas, festas de aniversários principalmente das crianças do entorno, havia pista de corrida de bicicleta onde as crianças faziam até campeonatos, comícios políticos também aconteciam neste local, showmício que era uma pratica bastante usada nas campanhas, apresentação da via sagra na semana santa vinculada com a igreja católica, havia praça para as crianças. Vive muitas coisas neste local, pois, eu como moradora próxima do local, estava sempre presente a tudo que acontecia no referido local, era uma época onde todos iam todos os dias para a enfermaria, nem que fosse para tomar um chimarrão, era um local de sociabilidade intensa, tudo era pensado para acontecer ali, até os encontros amorosos eram marcados no local. Foi um local de muita agitação a velha enfermaria, vive tudo que lá acontecia e agora como transição para CIP, espero voltar para dentro deste espaço que me deu tantas alegrias, muitos amigos fins lá e isso é muito importante.

Você possui alguma outra história ou memória sobre a Ruína da Enfermaria Militar e o Cerro da Pólvora que queira contar?

Lembro quando os pichadores picharam a ruina, várias pessoas reclamando que estavam destruindo tudo, isso me chamou atenção, pois, foi a comunidade que depredo o referido prédio, quando a grama estava alta também havia reclamações, o referido prédio me fazia pensar, pois, ao mesmo tempo que foi depredado pela comunidade, também era cobrado que cuidassem e arrumassem o local para que estivessem em condições de uso, para seus diversos usos e para receber seus visitantes que ali iam diariamente.

Em sua visão, o que será o Centro de Interpretação do Pampa?

Eu construí dois artigos e publiquei um onde trabalhei dentro da comunidade, o primeiro foi sobre impacto social gerado com a revitalização da referida ruina, e o segundo é o levantamento dos músicos instrumentistas deste entorno. Fiz várias pesquisas bibliográficas para construção dos trabalhos acadêmicos, leio tudo que sai em relação ao referido prédio, então posso dizer que o CIP, será um espaço que abrigara salas de exposições, ala museológica, anfiteatro, palco a céu aberto, será um local de promoção das culturas, e falo no plural, pois, acho que quando falamos de cultura não podemos nos referir de uma forma única e singular, cada um de nós é produtor de fazeres culturais e este espaço é para que aconteça todas essas criações artísticas- culturais.

Agora fale sobre o que você quer que seja feito no espaço da Ruína da Enfermaria Militar

Neste referido local, espero que todos os acadêmicos trabalhem independente da sua área de atuação, pois acho que um espaço cultural deve abrigar todos sem preconceito, pois, cada um de nós é produtor de algo e nesse local podem acontecer várias oficinas (pintura, violão, bateria, dança, música, computação, gastronomia, etc, etc...), temos que busca os fazeres de cada indivíduo para que este conhecimento possa ser passado, com responsabilidade e comprometimento. Sou a favor de que aconteça no local um leque amplo de atividades diárias, como palestras, formaturas, exposições, projeções de filmes, de documentários, de filmes, mas com profissionais adequados a cada área de atuação, a comunidade deve ser chamada para se apropriar do referido local e acredito que a produção de oficinas diversas possa fazer esse trabalho de forma natural, pois, era uma comunidade que ocupava o espaço de forma atuante, diariamente, e até os dias atuais esperam a reabertura do local.